



Com a palavra,
BARTOLOMEU

LeLiS
Organização

LeLiS
Organização

Com a palavra,
BARTOLOMEU

Este *e-book* é fruto do trabalho do grupo de pesquisa Leitura, Literatura e Saúde – LeLiS, ligado ao Programa de Extensão Alfabetização e Leitura (PROALE) da Universidade Federal Fluminense (UFF), e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil LATTES/CNPq, com o apoio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

LeLiS
grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde



uff Universidade
Federal
Fluminense



Apoio:



INTEGRANTES DO LeLiS
Nilma Lacerda (coordenadora)
Margareth Mattos (vice-coordenadora)
Bettina Zellner Grieco
Dayane Cabral Leite
Eneide Mesquita
Guilherme Semionato
Inez Helena Muniz Garcia
Maria Beatriz Rezende

Copyright © Autoras e Autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e do autor.

Os direitos das ilustrações das capas dos livros de Bartolomeu Campos de Queirós continuam reservados a autores, autoras e respectivas editoras.

L541 LELIS. Grupo de pesquisa, leitura, literatura e saúde
Com a palavra, Bartolomeu / LELIS. Grupo de pesquisa, leitura, literatura e saúde, organização; Nilma Lacerda, coordenadora; Margareth Mattos, vice-coordenadora. São Carlos, SP : Pedro & João Editores, 2021.
125 p. ; il.

ISBN: 978-65-00-26951-2 (Online).

Este e-book é fruto do trabalho do grupo de pesquisa Leitura, Literatura e Saúde – LeLiS, ligado ao Programa de Extensão Alfabetização e Leitura (PROALE) da Universidade Federal Fluminense (UFF)

1. Literatura brasileira – história e crítica. 2. Queirós, Bartolomeu Campos de, 1944-2012 – crítica e interpretação. 3. Leitura. 4. Leitor. I. Lacerda, Nilma, coordenadora II. Universidade Federal Fluminense.
Programa de Extensão Alfabetização e Leitura (PROALE).

CDD B869.09

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO
Guilherme Semionato e Margareth Mattos

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Bettina Zellner Grieco

IMAGEM DA CAPA
Reprodução da aquarela de José Wasth Rodrigues, Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro.

CONSELHO CIENTÍFICO DA PEDRO & JOÃO EDITORES
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos-SP

Este *e-book* é uma homenagem do grupo LeLiS a Bartolomeu Campos de Queirós – Bartolomeu, Bartô – e é dedicado às leitoras e aos leitores de sua obra, especialmente às educadoras e aos educadores que, com seu relevante e necessário trabalho com a leitura literária, dão a conhecer a grandeza e a sensibilidade deste escritor que se inscreveu no mundo através das palavras e da fantasia.

“As palavras são portas e janelas. Se debruçamos e reparamos, nos inscrevemos na paisagem. Se destrancamos as portas, o enredo do universo nos visita. Ler e somar-se ao mundo é iluminar-se com a claridade do já decifrado.”

“Meu texto surge do ‘não saber’, das inquietações, das incertezas. Graças às leituras descobri a diferença como capaz de nos tornar singulares. Escrever o que não tomava sol era revelar o que não havia sido escrito ainda, e acordar o obscuro que dormia em mim passou a ser o meu ofício.”

Bartolomeu Campos de Queirós
Sobre ler, escrever e outros diálogos

Sumário

Prefácio I 10

Dayala Vargens

Prefácio II 12

Elizabeth D'Angelo Serra

Apresentação: Este *e-book* 18

Margareth Mattos

Nilma Lacerda

PARTE I – Bartolomeu

Bartolomeu 21

Nilma Lacerda

Correspondência 26

Eneide Mesquita

PARTE II – Diálogos com Bartolomeu

- Memória de trabalho** 28
Guilherme Semionato
- Paisagens vividas: um (re)encontro com Bartolomeu** 31
Eneide Mesquita
- O andarilho Bartolomeu Campos de Queirós:
cidadão do mundo, filho da aldeia** 35
Inez Helena Muniz Garcia
- As crianças leem Bartolomeu: a recepção da obra** 41
Dayane Cabral Leite
- Bartolomeu para as crianças (e não só!)** 49
Maria Beatriz Rezende
- Os livros nas mãos do presente** 55
Nilma Lacerda
- Paratextos editoriais: o *post* como epitexto** 61
Margareth Mattos
- A saúde em Bartolomeu** 67
Maria Beatriz Rezende

PARTE III – Posts

Poesia 73

Ah! Mar

Coração não toma sol

Foi assim...

Isso não é um elefante

Mário

Menino de Belém

Menino inteiro

O olho de vidro do meu avô

O ovo e o anjo

Para ler em silencia

O peixe e o pássaro

Superação 85

Até passarinho passa

Cavaleiros das sete luas

Elefante

Entretantos

Flora

Ler, escrever e fazer conta de cabeça

A Matinta Perera

Minerações

Tempo de voo

Vermelho amargo

Consciência política 96

Apontamentos

Correspondência

O livro de Ana
Nascemos livres
Sem palmeira ou sabiá
Sobre ler, escrever e outros diálogos

Lúdico **103**

Anacleto
O fio da palavra
Indez
Sei por ouvir dizer

Rotina **108**

Antes do depois
Faca afiada
O rio

Contemplação **112**

A árvore
Por parte de pai

Referências dos posts **115**

Biografias dos ilustradores **117**

Integrantes do LeLiS **124**

Prefácio I

Dayala Vargens

Um presente!

Em tempos tão difíceis, o convite para partilhar esta obra, feita pelas mãos hábeis e sensíveis de pesquisadores comprometidos com a leitura, com a literatura e com a saúde, é uma dádiva do grupo LeLiS. Somos convidados a uma celebração, cujos preparativos vêm sendo organizados primorosamente há tempos.

Desde 2017, os frequentadores da sala do Programa de Extensão Alfabetização e Leitura (PROALE) puderam degustar, geralmente às quartas-feiras, os encontros dos integrantes desse grupo que, à época, já se debruçava sobre a obra de Bartolomeu Campos de Queirós. A empolgação do grupo era contagiante, e rememorar esses encontros traz à lembrança bolo e café, cheiro de aconchego na Universidade Federal Fluminense.

Com o passar do tempo, a lista de convidados, que nunca esteve fechada, foi crescendo generosamente. Em 2018, o grupo LeLiS, em parceria com o PROALE, abriu as portas (e as janelas!) ao oferecer um curso de extensão à comunidade interessada em inscrever-se nessa paisagem, como diria Bartolomeu. Além do curso “Janelas do Bartolomeu: tempo, memória, sonhos”, seminários, palestras, entre outras atividades e produções, formaram,

nos últimos anos, um requintado cardápio para estudantes universitários, professores da Educação Básica, pesquisadores e outros desejosos desses encontros. Envoltos por laços profundos de profissionalismo e de amizade, os pesquisadores do LeLiS nunca se distanciaram do entorno, seja dentro ou fora da academia. Ao contrário, escolheram o diálogo e sempre prezaram pela articulação da pesquisa com o ensino e com a extensão universitária.

O isolamento físico durante a pandemia não impediu a tessitura da rede que sempre moveu o grupo LeLiS e acolheu os seus interlocutores. Em 2020, a divulgação nas diferentes redes sociais, sem limites geográficos, de *posts* sobre a obra de Bartolomeu renovou gradualmente a memória dos leitores e, com ela, parte de nossas esperanças e de nossa saúde. Assim, não faltou ânimo para comemorarmos o aniversário do autor. Alegria para resistirmos juntos.

Este livro, em formato digital, celebra a obra de Bartolomeu Campos de Queirós. E, como bom festejo, é fruto de preparação coletiva, cuidadosa e hospitaleira. Nessa construção, revivemos a obra do autor conduzidos pelo trabalho rigoroso e pelo estudo metuculoso. O percurso engrandece o resultado. Os integrantes do grupo LeLiS, mais uma vez, acolhem afetosamente os leitores com as suas histórias, entoam um brinde e, honrosamente, passam a palavra a Bartolomeu. Desfrutemos!

Prefácio II

Elizabeth D'Angelo Serra

Em 12 de janeiro de 2022, fará dez anos que Bartolomeu nos deixou. Oportuna, portanto, a iniciativa do LeLiS/PROALE/UFF de publicar este *e-book* para homenageá-lo e que, como o título sugere, dá a palavra ao autor, compartilhando as leituras e os estudos do grupo. A FNLIJ, parceira histórica da UFF, parabeniza o LeLiS e se une à justíssima homenagem, agradecendo o convite para estar presente por meio desta apresentação.

O PROALE, como foco da sua ação voltado para a formação de professores leitores de literatura, pilar para uma educação de qualidade, tem, no grupo LeLiS, motivo de orgulho. Por sua competência e profissionalismo, os seus componentes honram o objetivo do Programa e inovam na forma. Por oportuno, lembramos que o PROALE, em 1994, por meio do Projeto Centros de Leitura e Escrita coordenado pela professora Glória Pondé, foi vencedor do 1º Concurso FNLIJ para os Melhores Programas de Leitura junto a Crianças e Jovens. Citá-lo nos traz à lembrança a saudosa professora, que também foi colaboradora da FNLIJ e responsável por inúmeras ações da instituição, onde ocupou o cargo de Diretora Executiva nos anos de 1985 e 1986.

Ao criar os *posts* sobre a obra de Bartolomeu com o propósito de divulgá-los no Facebook no contexto da pandemia, o LeLiS amplificou a palavra do autor, agregando um sentido social ao seu

objeto de estudo na perspectiva, necessária e urgente, de levar a universidade para mais perto da sociedade, demonstrando a sua capacidade de inovar diante das incertezas decorrentes do dramático cenário da Covid-19. Como convites afetivos, de abril a dezembro de 2020, por 36 semanas, os *posts* nos entregavam Bartolomeu para ler e conversar (com alguém ou com nós mesmos).

A ação pública dos *posts* nos levou a convidar o LeLiS para participar do 22º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós, em sua versão virtual, para apresentar a mesa “Bartolomeu Campos de Queirós: Presente”. É, pois, com grande satisfação que vemos os trabalhos elaborados para o evento compondo este *e-book* e fortalecendo a trama de fios entre a UFF e a FNLIJ.

O levantamento cuidadoso sobre a obra do autor e a leitura partilhada dos seus livros revelam o compromisso do grupo com o processo de trabalho coletivo, dando origem a um roteiro original que, além de possibilitar o aprofundamento dos estudos sobre Bartolomeu, é um chamado ideal para aqueles que se iniciam no mundo fascinante de sua obra. No processo de leitura, o grupo identificou quatro eixos sobre os quais consideram que a obra do autor se sustenta. São eles: os jogos de linguagem, o existencial, o social/político e o não ficção/ensaístico. Essa categorização convida a um percurso inspirador de leituras e estudos, muito bem relatado por Guilherme Semionato no texto “Memória de trabalho”.

O contexto da pandemia e a interface da Saúde com Leitura e Literatura, objeto de pesquisa do grupo, motivou a criação dos *posts* compreendidos como “Paratextos editoriais: o *post* como epitexto”, título do artigo de Margareth Mattos. Com a competência de mestra que é, ela nos explica sobre as nuances textuais que pode haver em uma publicação. Em “A saúde em Bartolomeu”, Maria Beatriz Rezende identifica nos *posts* temas que dialogam com a proposta do cuidado com a saúde afetiva e mental durante a pandemia, resultando em seis vertentes: poesia, superação, consciência política, lúdico, rotina e contemplação.

As diferentes leituras e os diferentes enfoques da obra de Bartolomeu apresentados nos textos do *e-book* são portas e janelas que enriquecem a publica-

ção. A cada um dos componentes do grupo expressamos nossos parabéns pelo belo resultado do trabalho.

Incontáveis são as sementes plantadas por Bartolomeu com sua escrita poética, transbordante de amor, immortalizando sua presença tanto com a leitura dos seus livros quanto com os afetos de amigos e amigas que cativou. Se estivesse ainda conosco, suas *lives*, em tempos de tantos eventos e encontros *on-line*, seriam um sucesso de audiência. Apesar do estranhamento com o meio eletrônico, natural no grupo de idosos ao qual pertencemos, ele aceitaria os convites para conversar, não sem antes dizer que não sabia o que iria falar. Consigo vê-lo. Com sua voz baixa, sorriso no canto da boca, olhando de baixo para cima, por trás dos óculos, depois de ter apagado o cigarro proibido. A figura pequena se transformaria no gigante da comunicação filosófico-literária, abraçando devagar, e depois por inteiro, nossos corações e mentes. O sofrimento causado com a dor das milhares de mortes de brasileiros e brasileiras, que poderiam ter sido evitadas, e, como humanista que foi, o sentimento de revolta com as perdas dos direitos civis conquistados que defendeu e pelos quais lutou, Bartolomeu transformaria em poesia e nos traria o conforto de que tanto precisamos neste momento: “A dureza da vida nos faz fantasiar. Acho que fantasio por causa da dor” (ALB, 2012, p. 89). Ziraldo sintetizou assim a arte de Bartolomeu: “O Bartolomeu é poeta, nasceu com alma de poeta, o que o salvou. Ele é um homem generoso que transformou suas dores em esperança e afeto” (id., *ibid.*, p. 12).

No contexto da política, lembro de *Correspondência*. Pouco antes da promulgação da Constituição Federal de 1988, interpretando o sentimento nacional de esperança em um país mais justo, Bartolomeu conclamava o leitor a despertar as palavras enterradas pela ditadura como metáfora para as armas da democracia. Pouco mais de vinte anos depois, no belo e contundente texto que escreveu para o Manifesto do Movimento por um Brasil Literário, usando a palavra também como arma, ele reafirmou o seu compromisso político com a educação: “Se é um

projeto literário é também uma ação política por sonhar um País mais digno” (id., ibid., p. 88).

Educação e política permeavam nossas conversas. Nas poucas vezes que ele esteve com meu marido, a literatura e a política alimentaram o diálogo entre eles, lembrança que guardo, com saudosa alegria, no coração. Como Bartolomeu, João Carlos não está mais entre nós. Penso na tristeza dos dois se vivessem o retrocesso histórico dos direitos humanos conquistados por meio do trabalho e sofrimento da sociedade, e hoje continuamente desrespeitados.

A vida que Bartô poetizava, inspirando-nos a apreciá-la e nos levando a refletir sobre seu valor sob o viés da sua arte, aliada à perspicácia do observador dos detalhes, foi interrompida. Para preenchermos o vazio deixado com a sua partida, revisitamos os seus escritos e a memória do seu convívio como patrimônio a ser valorizado e divulgado.

No texto de apresentação da publicação *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*, que organizamos em homenagem a ele para o 18º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), em junho de 2012, escrevi: “Sabíamos da sua fragilidade física, mas também sabíamos da sua resistência, de seu amor à vida, com suas contradições e belezas, escritas e ditas por ele de maneira única”. A sua resistência na luta para viver, e que acompanhamos de perto, foi o que nos encorajou a transformar o luto em ação, e logo fazê-lo novamente presente entre nós. Com a colaboração de amigas e amigos, produzimos para o 14º Salão FNLIJ, realizado em abril de 2012, uma exposição sobre ele, sua obra e seus amigos, com 40 painéis. Para eternizar a sua presença na FNLIJ, gravamos o seu nome no seminário da instituição: Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós. Sua contribuição foi decisiva para se construir o perfil do evento. Seus conselhos e observações preenchiam os vazios das nossas dúvidas na busca do melhor caminho. Alguns talvez se lembrem de que, quando estávamos juntos em algumas mesas do seminário, eu me referia a ele como “o meu filósofo de plantão”, tamanha era a sua participação na concepção do evento.

O compromisso institucional de divulgar a qualidade de sua obra, reconhecida pelos muitos prêmios recebidos, repercutiu nas quatro indicações da FNLIJ para o Prêmio Hans Christian Andersen/IBBY, de que foi finalista por duas vezes. Da indicação para 2012, guardamos o sentimento de que, se vivo estivesse, teria ganhado o prêmio.

Cada pessoa que teve o privilégio de conviver com Bartolomeu guarda lembranças inesquecíveis e que influenciaram suas vidas. Nilma Lacerda, em seu belo texto sobre Bartolomeu nesta publicação, nos presenteia com um relato memorável sobre o homem e sua obra. Além de conhecer em profundidade seus livros, Nilma foi uma de suas grandes amigas com quem tenho o privilégio de conviver, com ela partilhando e realizando sonhos.

Tendo como guia, na maioria das suas histórias, o olhar da criança que foi, e sendo coerente com sua formação em educação e artes, os binômios educação/escola e arte/literatura perpassam toda a obra de Bartô. Contemplando sempre o contraditório, ele deixa as conclusões para a fantasia do leitor, que ele tanto defendia.

Em resposta a uma entrevista, ele sintetiza a contradição da educação vivida na escola e que bem serve como orientação para a formação de professores e para gestores escolares: “Olha, educação, para mim, é feita de tradição e criação. A tradição é quando informamos o aluno, e a criação é um convite para o sujeito romper com a tradição” (id., *ibid.*, p. 80).

Dentre os amigos de Bartolomeu com quem partilhamos momentos especiais, cito dois que criaram bibliotecas em seus locais de trabalho e moradia, batizando-as com seu nome, também uma forma de homenageá-lo: o professor Luis Percival Britto, que inaugurou uma biblioteca de LIJ em uma sala da Faculdade de Educação, na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), onde leciona, com o acervo recebido como votante do Prêmio FNLIJ, e o escritor e professor Daniel Munduruku, que instalou a biblioteca em uma parte do terreno da sua casa, em Lorena (SP), com entrada independente.

Encerro este prefácio com duas citações sobre a relação entre o trabalho e o amor que perpassa toda a obra de Bartolomeu. Diante da pergunta do entrevistador, citando Drummond – “a vontade de amar me paralisa o trabalho” –, Bartolomeu respondeu:

Na realidade, a vontade de amar me leva ao trabalho. Gostaria de um amor absoluto e sem a periferia do ciúme, desconfiança, das inseguranças. Enquanto essa vontade não se cumpre, eu trabalho para tapear o meu desejo amoroso. E o meu texto surge da falta... Surge dessa vontade de ter alguém, mediano, construindo uma ponte que me traga o mundo e me leve a ele. (id., *ibid.*, p. 78)

Respondendo a outra pergunta, ele disse:

A relação com o outro me desloca, me rouba o prumo e me faz querer outras vias, outras passagens. Mas vou negociando. Às vezes ganho, outras vezes perco. Mas é assim, ganhando e perdendo, tranquilo e apreensivo, que o cotidiano não me deixa em estado de inércia. Sabe, eu nunca me perguntei se sou feliz. Tenho medo de não saber me responder ou concluir que sou só resignado. (id., *ibid.*, p. 78)

Levar a experiência de ler Bartolomeu é levar um oceano de beleza, de amor e de inquietudes encantadoras, compromisso de vida de todos nós, seus leitores.

Referências

ALB – ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL (Org.). *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*. São Paulo: Moderna; Rio de Janeiro: FNLIJ, 2012.

Apresentação: Este e-book

Margareth Mattos
Nilma Lacerda

O grupo Leitura, Literatura e Saúde (LeLiS) pesquisa as interfaces entre essas três áreas que dialogam entre si nas ações desenvolvidas por nós, seus integrantes. Em 2017, decidimos começar a pesquisa da obra de Bartolomeu Campos de Queirós, lendo-a com alguns apoios teóricos. A partir daí, organizamos resenhas e ministramos cursos de extensão pelo Programa de Extensão Alfabetização e Leitura (PROALE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, espaço que nos acolhe fisicamente.

Em abril de 2020, com nossas reuniões suspensas devido à pandemia, decidimos manter o ritmo de trabalho por meio de encontros virtuais. Uma pergunta nos moveu: o que teria Bartolomeu a nos dizer nestes tempos pandêmicos? Que palavras geradoras de saúde encontraríamos em seus livros? Por meio de nossas redes sociais, divulgamos os *posts* que fomos elaborando ao longo do ano, com a capa da obra, um pequeno fragmento do texto e um comentário com a explicitação do vínculo do fragmento escolhido com a saúde. Com isso conseguimos manter nossa pesquisa ao mesmo tempo que divulgamos uma obra memorável, oferecendo a confiança e a poesia do autor às pessoas.

No segundo semestre de 2020, a partir do convite feito ao grupo pela FNLIJ para integrarmos a mesa “Bartolomeu Campos de Queirós: presente”, no 22º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós, surgiu, com base nos textos produzidos para o Seminário e nos *posts*, o projeto de organização de um *e-book*, este que você tem diante de seus olhos.

Dividido em 3 partes, *Com a palavra, Bartolomeu* é fruto de uma produção coletiva do LeLiS que tem como objetivos dar a conhecer o resultado das leituras, pesquisas e trabalhos do grupo a partir de parcela significativa da obra de Bartolomeu, discutir aspectos e implicações dessa obra e apresentar os *posts* publicados virtualmente, prestando tributo ao escritor.

A **Parte I – Bartolomeu** é constituída de 3 textos que cumprem as funções de apresentação e homenagem. Em “Bartolomeu”, Nilma Lacerda fala sobre o homem e o escritor Bartolomeu, que, desde o nome, assumiu para si a dimensão de apóstolo “encarregado da difusão da Palavra” e cuja vida pessoal foi “matéria de escrita e poesia”. Breve relato poético, “Correspondência” é fruto de um exercício metalinguístico de escrita feito por Eneide Mesquita a partir de alguns títulos de obras do autor. Encerra a Parte I o *post* comemorativo de aniversário, que foi inicialmente publicado nas redes sociais dos integrantes do LeLiS em 25 de agosto de 2020, por ocasião da data do aniversário de Bartolomeu.

A **Parte II – Diálogos com Bartolomeu** traz 8 textos que, inicialmente, foram apresentados no 22º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós. Em “Memória de trabalho”, Guilherme Semionato traça um panorama das principais atividades desenvolvidas pelo LeLiS a partir de 2017. A visita a Papagaios feita por Eneide Mesquita é tema do texto seguinte, “Paisagens vividas: um (re)encontro com Bartolomeu”, um sensível relato de viagem que dá destaque a paisagens e a lugares afetivos recuperados e ressignificados por Bartolomeu em parte expressiva de sua obra, muitos deles localizados na cidade adotada pelo autor como local de seu nascimento, onde se localiza o Museu que leva o seu nome. Em “O andarilho Bartolomeu Campos de Queirós: cidadão do mundo, filho da aldeia”, Inez

Helena Muniz Garcia junta suas palavras às do autor para pintar-lhe o retrato com tintas bastante poéticas, como bem convém ao filho da aldeia que ganhou o mundo. “As crianças leem Bartolomeu: a recepção da obra”, escrito por Dayane Cabral Leite, trata da recepção dos livros *Anacleto*, *Duas patas e um tatu* e *O pato pacato* por crianças de dois e três anos de idade de uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Maricá (RJ), onde atua como docente. A seguir, em “Bartolomeu para crianças (e não só!)”, Maria Beatriz Rezende detém-se em alguns livros de Bartolomeu cujos textos poéticos primam pelos mais variados jogos de linguagem e nos quais o lirismo do escritor encontra-se “generosamente a serviço das crianças pequenas e da capacidade lúdica presente nos adultos”. “Os livros nas mãos do presente”, de Nilma Lacerda, nos dá a conhecer os vínculos de uma amizade construída, ao longo de muitos anos, entre ela e o escritor, amizade esta fundada no compromisso de ambos com a luta pelo direito do leitor ao livro, à leitura e à literatura, que têm a palavra como “seu meridiano central”. Em “Paratextos editoriais: o *post* como epitexto”, Margareth Mattos define paratexto editorial, aponta as muitas alterações em sucessivas edições de vários livros de Bartolomeu, tanto nos textos quanto nos paratextos, e afirma o caráter epitextual dos *posts*. Finalmente, em “A saúde em Bartolomeu”, a partir do conjunto de *posts* publicados nas redes sociais, Maria Beatriz Rezende expõe os seis eixos temáticos relacionados à saúde – poesia, superação, consciência política, lúdico, rotina e contemplação. Nesses eixos agrupam-se os 36 *posts* inicialmente publicados em diferentes redes sociais de abril a dezembro de 2020, apresentados na **Parte III – Posts** deste *e-book*.

Destacam-se, ainda, nos pós-textuais, as referências bibliográficas dos livros apresentados nos *posts* e a biografia dos ilustradores que assinam as capas desses livros.

Nossa expectativa é dupla: que este *e-book* de distribuição gratuita seja recebido como um presente e que, por meio de sua ampla difusão e divulgação, chegue a todas as pessoas com interesse na obra de Bartolomeu Campos de Queirós.

O LeLiS lhe dá as boas-vindas a *Com a palavra, Bartolomeu!*

Bartolomeu

Nilma Lacerda

O nome é de origem bíblica: “filho de Tholmai”, “filho do que suspende as águas”, ou “que se suspende”. Personagem bíblico mencionado no Novo Testamento como um dos doze apóstolos de Jesus Cristo, pode também aparecer como Natanael. De acordo com a tradição, São Bartolomeu evangelizou na Índia e na Ásia Menor, acabando martirizado na Armênia, no século I. Santo popular, o nome tornou-se comum na Inglaterra, na França, em Portugal. Suas quatro sílabas estendem-se de forma sonora em abertura para o mundo, para a vida. A vida é o que é. Para aqueles que assistem, do lugar de sua extrema sensibilidade, aos sequestros sucessivos por ela proporcionados, que outro recurso restará senão a palavra, forma primitiva e permanente de alcançar o outro? A palavra, que cura e ata o que terá sido desatado. Como apóstolo, e encarregado da difusão da Palavra, Bartolomeu Campos de Queirós dedica-se inteiro a essa distinção do humano. Confessa usar a palavra para falar do que não sabe, das dúvidas e dos vazios a tomar a vida de assalto. Exercita-se na raiz do cotidiano, que se transfigura por uma poética calcada no imaginário da aldeia, capaz de figurar o universal.

Bartolomeu suspendia as águas com suas palavras, fazia as pessoas caírem de quatro, como se diz em vulgar: em suave melodia, despreziosas, suas palestras ungiam como óleo sa-

grado. O tempo, grande angústia humana, frequentava a casa do escritor como convidado principal. Mimado, entregava segredos administrados com parcimônia. Saber o *antes do depois* talvez fosse o caminho principal do autor, em meio a outras vertentes de seu trabalho, entre riqueza de linguagem, preocupação social, reflexão metalinguística. A memória, no entanto, é o campo em que erige a existência, presente, passada. Um legado *por parte de pai*, a palavra registra, encanta, guarda, denuncia, brinca, desvela. Na concha do sonho (*Elefante*) ou da declaração final (*Vermelho amargo*), a palavra alcança suspender o mundo para dizer verdades que fundamentam o eu.

Este eu suspenso à beira do rio que engoliu os pertences da mãe morta, suspenso à beira da ignorância humana, ao tanto de não saber, põe em cena a convivência dos bichos e das plantas, traz parlendas e crenças miúdas para levantar o quintal e seu indez junto à leitora. Avança pelos meandros da hierarquia familiar, palmilha projetos de utopia, considera significado e importância dos rituais, expõe religiosidade e fé, caminhos da filosofia, tramas dos sonhos, dilemas sociais, a potência da linguagem para vislumbrar anseios e dar a eles o trajeto do desejo. Fruto dessa suspensão à beira do irreversível, a linguagem se organiza, confere outras figurações ao real, capazes de levar o indivíduo a avançar para além da mera sobrevivência, a dialogar com a dor, a falta, o abismo. Em momento de expansão da leitura literária no país, na década de 1990, o contato direto de Bartolomeu com seu público, com professoras em seu trabalho de mediação de leitura, permite reconhecer pontos doídos presentes em tantas vidas, passíveis de expressão. A vida pessoal era matéria de escrita e poesia; de partilha, portanto. A doença da mãe, o menino a buscar remédio e a palavra morfina, *dor fina*, a espetá-lo pelo caminho. Mas, se esse menino fora Bartolomeu, seria também qualquer menino, qualquer menina com a mãe doente, em visita à morte.

Em sentido contrário à morte, o menino teria a companhia das palavras, cabendo umas nas outras, conchas ou valises. Vidas novas ocupando espaço

vazio ou pedaços de antigas palavras misturando-se e deixando vir a nova palavra, essa que chegaria como troféu de um reino verbal, entregue à mãe em vez do frasco da botica. Essa a troca também proposta à criança que usufrui de vários de seus livros tomados por jogo, fantasia e liberdade. A língua como valise aberta e inesgotável à espera de potentes reviradas. Porque a infância não cessa de pedir palavras, tenha o ser a idade que tiver. Não se sai da aldeia, mesmo quando se sobe ao céu do mundo.

Os córregos da infância perdem-se sem nome, porém neles se aprende onde pôr o pé. Deles vêm as margens para o futuro, o aprendizado da corrente, do leito e das pedras. Estar ao pé do rio da aldeia, de onde Bartolomeu nunca saiu, é, como diz Alberto Caeiro, o que abre o sujeito à consciência e à expansão de si como indivíduo no mundo. O menino toma sua parte na herança universal, passando pelas lições de sabedoria doméstica e rural, pelas duras lições futuras, em que o ovo colocado como indez nem sempre consegue trazer segurança à ninhada.

Foi assim que a aventura da alfabetização garantiu a consciência de que “o mundo é grande e não cabe em mim” (QUEIRÓS, 2008, p. 52). Grande como o quarto de um hotel muito caro em Paris, mas que não cabia no homem deprimido, que acabou por se alojar no pequeno sofá, logo à entrada, ao lado do pequeno banheiro, a mala ao pé da tristeza dele. Sem discutir muito quem cabia no quê, o quarto no homem, o homem no quarto, o menino que se disse um dia cheio de mundo (id., ibid., p. 51) dormiu no sofá por sete dias quando, à hora de ir embora, resolveu abrir a porta do armário enorme à frente dele. Pois não era um armário, era o quarto cheio de espaços e luxos, dos tapetes de eflúvios orientais à maçaneta dourada da porta de um banheiro transbordante de confortos. Bartolomeu, o caso contado em jantar, na roda de amigas e amigos.

A roda também se abriu, várias vezes, numa casa em Bogotá, para ouvir receitas culinárias, anotadas pela audiência em cadernetas miúdas. O ar se

perfumava e era difícil dizer se os vapores vinham dos *tamales* ao fogo ou se do frango cozido com alhos, do lombo de porco ao leite, que ele nos descrevia. Anfitrião de mão-cheia, ficou a queixar-se, certa vez, do que havia a oferecer aos amigos. A geladeira quase vazia, sobrou pouco para fazer o almoço, explicava, desdobrando-se em desculpas. Mas se à mesa havia endívias com creme de gorgonzola, um assado soberbo e vinho. Uma ceia, aquele almoço. Ceia profana, suor, escrita, lavra. Sina, a palavra que não foi achada a tempo ao escrever *Ciganos*. Ir-se com os ciganos, temor real de infâncias. Para o menino, no entanto, era um bom sinal, pois o pai se lançaria em sua procura, senha do amor buscado. Escrever a própria sina, um caminho nas tramas verbais do autor? Escreve alguém a própria sina? Ao menos, busca fazê-lo, sabendo que não a esgotará, por mais que escreva. Foi o que anunciou Bartolomeu, em visita à *finca* de Hemingway, em Havana. As pernas já o molestavam muito e, em face da insistência para continuar, logo veria o barco famoso, os túmulos dos cães do escritor, sentou-se na mureta do caminho, agradeceu o convite e negou-se a prosseguir. Encerrou o assunto: “Eu não vou esgotar o mundo”.

Não esgotou o mundo, Bartolomeu. Tão somente suspendeu as águas do fluxo desmemoriado que a tudo enevoa. “Deus há de cooperar”, escreveu num guardanapo de papel, justificando-se por atraso em uma tarefa. Deus cooperou. Como não? Não estivéssemos no Brasil, sempre em falta de tantas coisas, principalmente de bons livros nas mãos das crianças, de todas as crianças. O Movimento por um Brasil Literário, ao qual emprestou seu nome e seu trabalho, com atuação decidida e redação do Manifesto, sublinhou o pensamento de Monteiro Lobato em *América*: “Um país se faz com homens e livros” (1951, p. 45), e acrescentou a importância da fantasia para a transformação política e social. Suas viagens pelo país, falando à sensibilidade e à responsabilidade das professoras primárias, eram virtuais exemplos da conciliação de impossíveis, pela ação no real por meio da força do imaginário. Nenhum real sobrepõe-se ao imaginário. É

o que deixa bem marcado em *Ah! Mar*: nenhuma descrição realista e pormenorizada do mar encobriria o que residia em sua mente, fundado e alimentado por vozes entrecruzadas. Este o papel do escritor: colher vozes, lançá-las, mesclar apelos, versões. Fiel à perspectiva eleita, Bartolomeu faz do ato de escrever a própria revolução. Inventava-se em ficções sucessivas, emitindo dados conflitantes sobre data de nascimento e outros pormenores. “Nem pra ele importava a data certa”, diz uma pesquisadora. A potência de reinvenção concede a extrema liberdade de residir no centro de uma vida desejada pelo sujeito.

Antes ou depois do hotel de Paris, não se sabe quando Bartolomeu decidiu que nenhuma criança ficaria sem abrir uma porta a seu alcance.

Referências

LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1951 (Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série, v. 9).

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Foi assim*. Ilustrações de Sandra Bianchi. São Paulo: Moderna, 2008 (Coleção Girassol).

Este texto foi publicado originalmente na *Revista Pessoa* em 2021 e se encontra disponível em <<https://www.revistapessoa.com/artigo/3244/bartolomeu>>.

Correspondência

Eneide Mesquita

Pelas Janelas da escrita: memória de Bartolomeu Campos de Queirós, experimentamos momentos de troca, de escuta, de Ler, escrever e outros diálogos. De letra em letra afloraram-se Os cinco sentidos.

Foi assim... a Faca afiada n'O fio da palavra para bem celebrar o Menino inteiro, o menino Bartô em seu Tempo de voo, o menino Ciganos, Cavaleiros das sete luas.

No Diário de classe, além do meu olhar atento, Olhar de bichos, estavam Mário, Pedro, Anacleto, Flora, Raul-Luar, todos de ABC até Z.

Entretantos, Sei por ouvir dizer que Até passarinho passa... e passou. Mas deixou o Indez, assim, O ovo e o anjo vieram fazer ninho em nossos corações. Sem palmeira ou sabiá abriram-se espaços Para ler em silêncio, para respirar, para alimentar o sonhar, o imaginar-se.

Foi assim...

Um abraço e quatro braços.

Este texto foi publicado originalmente na coletânea *Janelas da escrita: memória de Bartolomeu Campos de Queirós*, organizada por Ninfa Parreiras em 2018, que se encontra disponível em <<https://www.facebook.com/museu-bartolomeucamposqueiros>>.

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e
saúde

"Nasci com 57 anos. Meu pai me legou seus 34, vividos com duvidosos amores, desejos escondidos. Minha mãe me destinou seus 23, marcados com traições e perdas. Assim somados o que herdei foi a capacidade de associar o amor ao sofrimento. Morava numa cidade pequena do interior de Minas, enfeitada de rezas, procissões, novenas e pecados. Cidade com sabor de laranja-serra-d'água [...]"
Bartolomeu Campos de Queirós (1983)

**Bartolomeu nasceu em 25.08.1944.
Hoje ele completaria 76 anos.
Nosso carinho, nossa homenagem.**



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

Memória de trabalho

Guilherme Semionato

No final de 2017, o LeLiS deu início ao estudo da obra de Bartolomeu Campos de Queirós. Para iniciarmos o trabalho, fizemos um levantamento bibliográfico de suas obras presentes na Biblioteca FNLIJ, acervo que conta com 122 registros de edições de livros do autor. Verificamos que Bartolomeu teria um total de 70 títulos publicados, sendo 67 como autor e 3 como organizador. Para proceder a essa pesquisa, além do site da FNLIJ, usamos o site da Biblioteca Nacional e a seção bibliográfica do livro *Janelas da escrita: memória de Bartolomeu Campos de Queirós*, de Ninfa Parreiras.

Para levar o trabalho a cabo, o grupo fez uso do acervo do Programa de Extensão Alfabetização e Leitura (PROALE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Por ter integrado o júri do Prêmio FNLIJ de 1997 a 2014, o PROALE conta com um belo acervo de obras para crianças e jovens; encontramos 35 livros de Bartolomeu por lá. Também tivemos ajuda da Global Editora, que nos enviou outros 14 títulos. Cabe mencionar que a Global comprou os direitos sobre a obra completa do autor e está relançando, aos poucos, muitos dos seus títulos.

Encontramos várias pistas da diversidade dessa obra publicada por tantas décadas quando analisamos edições diferentes dos textos de Bartolomeu. Em alguns casos, livros foram reba-

tizados, ao ganhar novas edições em outras editoras (*Pintinhos e pintinhas*, publicado pela FTD em 1986, virou *Somos todos igualzinhos* [sic], lançado pela Global em 2006). Em outros casos, livros ganharam capas e projetos gráficos novos, que transformaram a experiência de leitura (é o caso de *Ciganos*, da Miguilim, de 1982, e da Global, de 2004). Outra curiosidade é o fato de a primeira edição de *Onde tem bruxa tem fada...* (Vega Editora, 1979) ter ilustrações do próprio autor; quando o livro foi reeditado pela Moderna, na coleção Girassol, notamos diferenças expressivas no texto ao cotejarmos a 33ª (1991) com a 43ª edição (1993).

Feito o levantamento bibliográfico, demos início às resenhas dos livros. Antes de começarmos, tivemos uma oficina na qual foi apresentado o gênero resenha crítica (ou recensão), buscando ressaltar suas principais características. Evitamos citações nas resenhas (elas aparecem, no máximo, destacadas como uma epígrafe) e, apenas em determinados casos, quando relevantes, mencionamos as edições anteriores das obras. Optamos também por resenhar as edições mais recentes de cada livro, por serem as edições disponíveis para compra.

Nossas resenhas seguem um padrão: elas têm uma lauda e, no cabeçalho, consta um formulário em que são lançadas informações sobre a publicação: título do livro; nome do ilustrador; cidade, editora e coleção; ano de publicação; edição/impressão; formato (largura x altura em centímetros); ISBN; premiações; e outras informações, como inserção em catálogos e edições anteriores, por exemplo.

Durante o estudo da obra de Bartolomeu, o grupo identificou **quatro eixos** sobre os quais sua obra se sustenta. Chamamos o primeiro deles de **jogos de linguagem**, que são geralmente os livros de poesia para a primeira infância (mas não só); livros sofisticados para leitores de todas as idades que proporcionam, por meio da linguagem, uma experiência estética. Como exemplos, podemos citar *O pato pacato*, *As patas da vaca* e *Anacleto*.

A seguir, temos o eixo **existencial**, no qual encontramos os livros de cunho memorialista/autobiográfico, que são alguns dos mais admirados do escritor,

como *Ciganos, Indez, Por parte de pai, O olho de vidro do meu avô* e *Vermelho amargo*. Além deles, estão aqui seus livros de prosa poética sem caráter autobiográfico: *Mário, Pedro, O gato, Tempo de voo*, entre outros.

O terceiro eixo é o **social/político**, e podemos citar como exemplos *Flora, De não em não, Onde tem bruxa tem fada...*, além de dois livros feitos na época da Assembleia Nacional Constituinte de 1988: *Apontamentos* e *Correspondência*.

Por fim, temos o eixo **não ficção/ensaístico**, com obras que teorizam sobre a leitura e a escrita – como *Para ler em silêncio* e *Sobre ler, escrever e outros diálogos* –, além de prefácios e entrevistas do autor.

O grupo estabeleceu algumas metas para o projeto. Uma delas consiste numa visita, quando possível, ao Museu Bartolomeu Campos de Queirós, em Papagaios (MG), e a possibilidade de oferecermos um curso lá, a exemplo de dois cursos dados por membros do grupo em Natal e João Câmara (RN) e de outro curso de extensão dado pelo grupo em 2018 (“Janelas do Bartolomeu: tempo, memória, sonhos”), que destacaram a vertente memorialista da obra do autor.

Outra de nossas metas é publicar *on-line* as resenhas críticas dos livros de Bartolomeu e os artigos produzidos pelo grupo a partir dos eixos temáticos. É certo que, ao constataremos os quatro eixos supracitados, conseguimos estabelecer um fio condutor entre diversos livros, mas, como não há espaço para falar disso nas resenhas, optamos por escrever pequenos artigos para cada eixo.

Por fim, a última de nossas metas se cumpre agora, com você, leitor(a), diante deste *e-book* com distribuição gratuita. Aqui estão compiladas todas as postagens de trechos da obra de Bartolomeu que fizemos ao longo do ano, a fim de sensibilizar as pessoas para a leitura de seus livros – esforço este que constituiu parte da produção do grupo nesse período de isolamento. Eis, portanto, um pouco da memória e dos frutos de um trabalho que já leva três anos.

Paisagens vividas: um (re)encontro com Bartolomeu

Eneide Mesquita

Na leitura das obras de Bartolomeu, especificamente nos livros em que se sobressaem suas memórias – memórias costuradas pela invenção, pela fantasia –, chamaram-me especial atenção as paisagens e os lugares afetivos representados, ressignificados e reelaborados pela escrita.

A escrita de Bartolomeu nos convida a perceber, na companhia dos protagonistas e numa viagem ao passado, as sensações experimentadas pelos narradores-meninos nas palavras carregadas de sons, cheiros, sabores e movimentos que nos envolvem e fazem acordar as nossas lembranças afetivas também.

Nesse trajeto, o poder da linguagem, e tudo o que ela favorece no tocante à interação entre indivíduo e mundo, alcança significativa importância, pois brota das infinitas possibilidades que ela oferece. Bartolomeu vai costurando metáforas, fabricando sentidos, refazendo significados, e, num trabalho minucioso, aproxima o quanto possível a nós, leitores, das vivências resgatadas das experiências de sua infância, ou melhor, de suas infâncias.

Ao percorrer as páginas dos livros de Bartolomeu, percebemos como os espaços e lugares experienciados pelo autor são recuperados e ressignificados na escrita. Assim, a cada livro, le-

mos uma possibilidade de novo nascimento (renascimento) de narradores-meninos frente às paisagens vividas, que pode nos revelar a insistência e a necessidade de elaborar uma falta que leva ao processo de escrita.

Tenho interesse, não só como pesquisadora, mas também como leitora, em pensar a relação entre Literatura e Geografia. É um tema do qual gosto muito. Por isso, observo com cuidado o trabalho de Bartolomeu no que se refere à sua apreensão da paisagem, sobre a qual o autor reflete de forma significativa nas páginas de suas memórias.

Nasceu, assim, o desejo de conhecer esse “cadinho” do mundo que vinha junto com suas palavras. E foi com felicidade que aceitei o incentivo e o convite de Nilma Lacerda para participar e representar o LeLiS no lançamento do livro *Janelas da escrita: memória de Bartolomeu Campos de Queirós*, de Ninfa Parreiras, ocorrido na cidade de Papagaios em abril de 2018. O que já era um desejo aliou-se à felicidade e à ansiedade do (re)encontro com Bartolomeu, seus amigos, seus caminhos mineiros, suas paisagens. Paisagens, às vezes, representadas de forma tão paradoxal nas suas obras.

No percurso até Papagaios, ouvi muitas histórias sobre a vida do autor, algumas engraçadas, outras tristes. Entre uma história e outra, eu ia observando pela janela o cerrado, o gado, o rio, as montanhas, o céu, todo o relevo. A primeira estrela surge ao chegarmos a Papagaios, cidade pequena com “gosto de laranja serra d’água”, fruto que Bartolomeu apreciava muito. A cidade, com pouco mais de quinze mil habitantes, ainda guarda a essência das coisas simples. Alguns contam que a cidade recebeu esse nome porque nela havia um local de hospedagem para viajantes que abrigava um papagaio que reproduzia a fala dos passantes. Seria um caso mineiro?

O primeiro desembarque foi na Fazendinha, onde Rosinha Figueiras e sua família promoveram doce acolhida, com gostinho mineiro de bolo de fubá, café, queijos, biscoitos, sem dispensar frutas direto do pé e a cachacinha.

Rosinha mantém viva a memória do amigo. Como uma guardiã de sua obra, dedica-se com paixão à Associação Cultural Bartolomeu Campos de Queirós, criada em 13 de julho de 2012, com sede na Casa de Cultura Dona Petita, onde funciona o Museu Bartolomeu Campos de Queirós – um dos projetos da Associação, que considera a obra do autor e seus pertences como patrimônio cultural. Todo o acervo que compõe o museu foi doado pela família do escritor: móveis, objetos de arte e artesanato, coleções, livros tanto autorais como de referência. Tudo preservado para que todos, a qualquer tempo, possam conhecer sua obra, pesquisar suas raízes. Um trabalho muito bonito.

Ao lado da Casa de Cultura, existe o auditório, no qual são promovidos eventos culturais como: bate-papos literários envolvendo os alunos das escolas públicas e privadas, saraus artísticos e musicais, exposições para incentivar o trabalho dos artesãos, e a realização do Encontro do PROLER, para capacitação de professores.

Deixei Papagaios em direção a Belo Horizonte. No caminho, me deparei com adolescentes voltando de uma festa, andando quilômetros a pé. Descalços e de óculos escuros, arrastavam-se felizes para casa. No dia anterior, um carro de som havia anunciado a tal festa e aconselhado o uso de óculos de sol, pois o evento só acabaria pela manhã. Poucos segundos após o anúncio da festa, outro carro de som comunicava o enterro de um morador. Um celebrava a vida, o outro comunicava a morte.

Antes de chegar a Belo Horizonte, fiz uma “escala” em Pará de Minas, onde Bartolomeu nasceu. Essa parada foi um presente oferecido pelo motorista de táxi que me conduzia à capital e que me ouviu falar com entusiasmo sobre Bartolomeu e o evento. Em Pará de Minas, conheci a antiga estação ferroviária, cenário presente em algumas obras do autor. Transformada em terminal rodoviário, a fachada está bem preservada.

Já em Belo Horizonte, no bairro Savassi, última morada de Bartolomeu, percorri ladeiras e ruas. Sem saber, fui à livraria Quixote, que ele frequentava. Foi como se ele estivesse me guiando, pois muitos dos lugares pelos quais passei haviam sido marcados por sua presença e, somente depois de conhecê-los, tomei ciência disso.

Foram dias especiais, intensos, repletos de experiências enriquecedoras e singulares para os cinco sentidos. Foi possível experimentar uma proximidade com o autor, seja pela leitura do livro *Janelas da escrita* – rico material biográfico –, seja pela oportunidade do encontro com a paisagem que tanto inspirou a escrita literária de Bartolomeu. No itinerário do percurso biográfico e topográfico, mergulhei nessa atmosfera, tomada não só pela literatura, mas também pela impregnação de vida.

Visitar as terras de Bartolomeu, percorrer seus caminhos, ouvir suas histórias contadas por muitas vozes, tudo isso me proporcionou uma experiência diversa do fato literário. Sua obra é permeada por suas vivências, por elementos de sua vida. Assim, nas paisagens representadas, estão a sensibilidade de Bartolomeu e a percepção de que por trás da arte está a vida. Durante esse trajeto, encontrei uma pausa no caos, assim como ocorre com a literatura, um espaço para respirar, para alimentar o sonhar, o imaginar-se, o lançar-se a uma vida nova.

Deixei lá meu *Indez*.

O andarilho Bartolomeu Campos de Queirós: cidadão do mundo, filho da aldeia

Inez Helena Muniz Garcia

Para iniciar este texto, convido Mariana, uma menina de dez anos de uma pequenina cidade no semiárido do Rio Grande do Norte, que, ao começar a ler Bartolomeu, inquietou-se e encantou-se.

O texto a seguir, escrito por ela, originou-se de um vídeo que gravou, a meu pedido, para o 22º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós, realizado em 23 de outubro de 2020.

Olá, pessoal,

Meu nome é Mariana Silva Oliveira, tenho 10 anos de idade, sou de Upanema, interior do Rio Grande do Norte, estudo na Escola Estadual Professor Alfredo Simonetti, curso o 5º ano A.

Hoje vou falar um pouco dos livros que eu li do autor Bartolomeu Campos de Queirós. O primeiro livro que eu li foi O gato, que fala de um gatinho preto que ficava a noite todinha acordado porque tinha medo de dormir e nunca mais acordar. Esse livro retrata um pouco da vida de Bartolomeu, ele diz no livro que tem medo de dormir porque tem medo de morrer no dia seguinte. O segundo foi o Indez, que retrata um pouco da história de meu

avô, minha avó, dos meus tios e de meu pai. No livro, eles viviam no sertão do mesmo jeito dos meus tios e do meu pai, tudo era parecido. O pai era calado, o meu avô também, a mãe era doce, minha avó também é doce, e meu pai e meus tios, como os irmãos do Bartolomeu, faziam seus próprios brinquedos, brincavam na terra quente e até subiam em árvores.

Falar de Bartolomeu Campos de Queirós, andarilho, cidadão do mundo e filho da aldeia, significa construir essa tensão de que somos todas e todos interligadas e interligados nesta grande aldeia global, sem negar que somos filhas e filhos de nossa aldeia. Ao fazer isso, assumo uma perspectiva decolonial, que tem como intenção provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir, bem ao gosto do Bartolomeu, o que implica, portanto, uma luta contínua, como afirma Walsh (2009).

A estratégia que utilizei para dialogar com/sobre o andarilho Bartolomeu Campos de Queirós, cidadão do mundo, filho da aldeia, foi buscar, em seus próprios textos, passagens que me trouxessem essa compreensão.

Bartolomeu, filho da aldeia, menino pobre, pés descalços, na cabeça um sonho: cruzar fronteiras. Gostava de dizer que era de Minas, que morava em Belo Horizonte, cidade onde era feliz.

Nasci com 57 anos. Meu pai me legou seus 34, vividos com duvidosos amores, desejos escondidos. Minha mãe me destinou seus 23, marcados com traições e perdas. Assim somados, o que herdei foi a capacidade de associar o amor ao sofrimento. (QUEIRÓS, 2012b, p. 13)

Em um encontro como esse, no qual o diálogo e a troca de saberes é a premissa principal, peço permissão para fazer ecoar, reverberar uma palavra de solidariedade às famílias de todas as pessoas mortas pela Covid-19. São tempos pandêmicos e pandemoníacos, em que um sistema com desigualdades gritantes

sobrevive há séculos, com apoio de milhões e subordinação de bilhões, em que mais de 500 mil vidas foram solapadas no Brasil, em virtude da pandemia, “mortes evitáveis”. Poderíamos afirmar que Bartolomeu, como professor, arte-educador, cidadão do mundo, filho da aldeia, sensibilizado, mobilizado pelos (des)caminhos da educação pública no país – em que quase 50% das crianças, adolescentes e jovens das classes populares não têm acesso à internet e não podem acompanhar o que a escola vem oferecendo –, seguramente repetiria:

Mora em nós um certo incômodo, um anseio de que as coisas pudessem ser de outra maneira. Cabe à escola deixar o aluno revelar seu sonho e analisá-lo, à luz do coletivo. [...] A escola deixará de ser apenas um espaço consumidor quando fizer da fantasia uma meta de trabalho. (QUEIRÓS, 2009, p. 19)

Em suas obras, Bartolomeu nos convida a mergulhar no universo rico de sonhos, da criatividade, a abrir o vasto horizonte da imaginação. Vozes recolhidas de sua alma ganham linhas, suas histórias e memórias se entrecruzam.

Quando, na quinta edição do Salão FNLIJ, perguntaram a Bartolomeu: “O que você considera fundamental no trabalho da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil?”, ele respondeu: “A FNLIJ é responsável pelo crescimento de toda a literatura infantil e juvenil no Brasil. As pessoas que rodeiam a Fundação olham com todo cuidado para a produção editorial brasileira e se preocupam muito com a divulgação dos livros de qualidade” (ALB, 2012, p. 79).

No Seminário Políticas de Incentivo à Leitura, em abril de 2009, em Belo Horizonte, Bartolomeu afirmou: “A literatura tem como função impulsionar o leitor a realizar seu imaginário. Por desconhecer preconceitos, guiada pela beleza, o leitor literário se faz também um investidor” (QUEIRÓS, 2009, p. 19).

Bartolomeu aprendeu a ler com o avô, que era marceneiro, tirou a sorte grande na loteria e decidiu não fazer mais nada. Passou a escrever nas paredes

de sua casa tudo o que via e ouvia. Transformou o seu dia a dia em um grande livro que cobria cada canto do seu lar.

Assim nos conta Bartolomeu: “Meu avô, arrastando solidão, escrevia nas paredes da casa. As palavras abrandavam sua tristeza, organizavam sua curiosidade silenciosamente. [...] Eu, devagarinho, fui decifrando sua letra, amarrando as palavras e amando seus significados” (QUEIRÓS, 2012b, p. 19).

Bartolomeu tinha suas gaitices, suas mineirices; era divertido, brincalhão, irônico. Augusto Pessôa, amigo por longos anos, com quem viajou algumas vezes, nos conta:

Nas viagens de avião, quando as companhias aéreas começaram a oferecer aquelas barrinhas de cereal, o Bartô, ao receber a sua, sempre perguntava, humilde: “A senhora tem certeza que isso não vai fazer falta para a companhia?” A cara das aeromoças era de matar de rir. Pois é... [...] O Bartolomeu estranhava esse pequenino lanche e sempre que recebia sua barrinha de cereal vinha com a pergunta: “A senhora tem certeza que isso não vai fazer falta para a companhia?” Isso virou um bordão. E ele adorava repetir, para espanto das aeromoças. (PESSÔA, 2013, p. 21-22)

Viaja para onde, Bartolomeu?, pergunto. Ele responde: “Viajo sem passaporte para depois de mim, para além do sonho. Minha fantasia atravessa pedra, fruto e alcança o miolo do mundo. Chego a morar em terras alheias, falando outro alfabeto. A fantasia me cede passagem” (QUEIRÓS, 2012a, p. 10).

Bartolomeu também “tristejava” solidões... conhece o porquê do quando. Ao ser perguntado se “a dor também tem serventia”, responde: “Sim, a dor tem muita serventia. Nesse sentido, a realidade e a fantasia dialogam o tempo todo. Uma dura realidade nos remete a uma grande fantasia” (ALB, 2012, p. 81).

Bartolomeu nos conta histórias de espantos e encantos: “Com a chegada dos ciganos o medo passava a ser companheiro dos meninos: isto por contarem

que cigano roubava crianças. Ah, ser roubado era o mesmo que ser amado” (QUEIRÓS, 2004, n.p.).

Bartolomeu canta, sopra melodias poéticas e literárias – o que vive, o que viu, o que imagina, o que sonha. É autobiográfico sem se autoneojar. Esculpe com gestos da memória a infância, e afirma ser a memória nosso “patrimônio inalienável – de armazenar tanto o já feito como o ainda por fazer” (QUEIRÓS, 2012b, p. 85).

Bartolomeu, traduzido em diversas línguas, recebeu significativos prêmios, nacionais e internacionais. Foi indicado pela FNLIJ, por quatro vezes, ao mais importante prêmio internacional de literatura infantil e juvenil, o Hans Christian Andersen.

Em 1974, publicou seu primeiro livro, *O peixe e o pássaro*, e desde então firmou seu estilo de escrita, prosa poética da mais alta qualidade. Ao pensar nesse pássaro do seu primeiro livro me vem à mente a pequenina ave, o andarilho. Viajante, andarilho, como o pequenino pássaro assim denominado, Bartolomeu andou mundos. Andarilho, a ave que vive nos estados de Goiás, Bahia, Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais, além de Bolívia e Paraguai, está ameaçada de extinção por perda de *habitat*.

Bartolomeu faleceu em 16 de janeiro de 2012, deixou mais de sessenta títulos publicados. De certa forma ele não morreu. Deixou-nos suas saborosas histórias, escritas com o bom tempero mineiro. Os seus livros são o seu indez. Vão estar sempre aí, ajudando a produzir sonhos. A criar poesia. Sempre acordando palavras. Indez é o ovo que é deixado no ninho para que a galinha continue a botar outros ovos. Para que a vida e a criação não parem nunca. É nosso compromisso sermos indez de Bartolomeu e não deixar que o andarilho Bartolomeu tenha o destino da ave andarilho.

E se me perguntarem se poderia sintetizar Bartolomeu, cidadão do mundo, filho da aldeia, afirmaria: Bartolomeu não escreve o aroma, ele é a própria flor que perfuma.

Referências

- ALB – ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL (Org.). *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*. São Paulo: Moderna; Rio de Janeiro: FNLIJ, 2012, p. 79.
- PESSÔA, Augusto. *Histórias do Bartô: uma homenagem a Bartolomeu Campos de Queirós*. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2013.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *O fio da palavra*. Ilustrações de Salmo Dansa. Rio de Janeiro: Galera Record, 2012a.
- _____. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012b.
- _____. *Ler é deixar o coração no varal*. Texto apresentado no Seminário de Políticas de Incentivo à Leitura em abril de 2009. Superintendências de Bibliotecas Públicas/Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais.
- _____. *Ciganos*. 14 ed. Ilustrações de Pierre Derlon. São Paulo: Global, 2004.
- WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época*. Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala: Quito, 2009. Disponível em: <<http://www.flacsoandes.edu.ec/interculturalidad/wp-content/uploads/2012/01/Interculturalidad-estado-y-sociedad.pdf>>. Acesso em: 8 mar. 2020.

As crianças leem Bartolomeu: a recepção da obra

Dayane Cabral Leite

Ser professor é possuir uma profecia, é acreditar na maleabilidade do mundo, é possuir como crença que o mundo pode e deve ser reinventado. (QUEIRÓS, 2019b, p. 102)

Sou professora. Quando assumo a posição de ensinar e aprender com meus alunos, levo comigo a crença de que o mundo pode e deve ser reinventado, como acontecia com Bartolomeu, que desde sua infância defendia que imaginar faz parte da leitura (QUEIRÓS, 2019b, p. 37). A literatura é um dos meus instrumentos de reinvenção para que a imaginação dos meus alunos floresça e frutifique.

Sou professora da rede municipal de Maricá, trabalho como regente do Maternal I no Centro de Educação Infantil Municipal – CEIM Valéria Ramos Passos, em Itaipuaçu, e atendo crianças de dois e três anos. Este texto pretende partilhar um pouco do trabalho literário que venho desenvolvendo com meus alunos, ao lhes apresentar livros de literatura, especialmente os escritos por Bartolomeu Campos de Queirós, e registrar como esses livros são recebidos por crianças da primeira infância.

Antes de relatar minha experiência, é importante contar como surgiu a ideia de ler Bartolomeu para crianças tão peque-

nas. Ela nasceu durante uma reunião do LeLiS, grupo do qual faço parte, quando estudávamos a obra do autor e chegamos aos livros que envolviam brincadeiras com as palavras, cheios de rimas e ritmos que normalmente agradam à criança. Ficamos curiosos: Bartolomeu, mais conhecido por suas obras de cunho memorialista e biográfico, seria bem aceito por crianças tão pequenas?

Para Bartolomeu, “as pessoas que resolvem fazer coisas para a criança se tornam chatas. A gente faz pela criança que ainda resiste na gente” (QUEIRÓS, 2019b, p. 55). A criança presente nele, com imensa generosidade, criou e partilhou diversas histórias engraçadas e inovadoras, por valorizarem a inteligência infantil e permitirem que a criança leitora tenha seu espaço de criação e de brincadeiras com as palavras.

O primeiro livro lido foi *Anacleto* (QUEIRÓS, 2008). As crianças, que já estavam acostumadas a ouvir as histórias que eu lhes contava, receberam o livro com estranho silêncio e atenção. Fiquei um pouco ressabiada, mas logo percebi que *Anacleto* tinha sido muito bem recebido. Passaram o dia com ele; ouvi várias vezes durante a manhã “Cleto” e “Acleto” repetidos sem parar. O retorno das famílias no dia seguinte completou a certeza de que *Anacleto* acompanhou muitas das crianças não só dentro como também fora de sala: algumas mães e responsáveis me perguntaram que história contei em sala, pois as crianças, mesmo sem saber articular frases completas, queriam fazer o reconto; elas sentavam os familiares na mesma posição adotada em sala e tentavam reproduzir a história. Partilhei essa experiência com o grupo de pesquisa e resolvi apresentar outras obras de Bartolomeu nos meus planejamentos.

Ficava intrigado como num livro tão pequeno cabia tanta história, tanta viagem, tanto encanto. O mundo ficava maior e minha vontade era não morrer nunca para conhecer o mundo inteiro e saber muito, como a professora sabia. O livro me abria caminhos, me ensinava a escolher o destino. (QUEIRÓS, 2019b, p. 37)

O livro abria caminhos para Bartolomeu e acolhia a incompletude inerente ao homem. Na educação infantil é comum que os professores preparem diversos recursos para apresentar uma história às crianças, mas tão importante quanto proporcionar o contato com esses recursos é apresentar histórias com o livro em mãos. Ler livros para crianças desde a primeira infância – e permitir que elas toquem, virem páginas, descubram ilustrações, contem suas próprias histórias – estimula a criatividade e amplia seus campos de experiências. O relato a seguir mostra como compartilhar histórias enriquece a possibilidade de o leitor estabelecer uma relação entre o real e o imaginário.

A leitura de *2 patas e 1 tatu* (QUEIRÓS, 2019a) foi incrível. A história foi contada com todas as crianças sentadas no chão, próximas à minha mesa, local em que elas adoram permanecer e brincar. Todas a ouviram com atenção, reagindo aos momentos de brincadeira com as sílabas. Maria Luísa é uma criança apaixonada por livros e por histórias; com apenas 3 anos já se mostra encantada pelas narrativas, pedindo para recontar aos amigos as histórias que ouvia. Todos os colegas de sala gostavam de ouvir seu reconto e isso se tornou uma prática corrente na classe. Nesses instantes é possível ver, com riqueza de detalhes, como ela reelabora as histórias, apoiada na fantasia.



Maria Luísa lê *2 patas e 1 tatu* para os colegas.



Maria Luísa mostra a ilustração do livro aos colegas.

Ela fez uma leitura sofisticada das ilustrações, apresentando o tatu da história como um rato que era de madeira. Então, foi questionada pelos colegas sobre o fato de que aquilo não era um rato, era um tatu, logo o rato deixa de ser um rato que era de madeira para ser um rato que não era de madeira. A discussão entre eles a respeito do que ela conta e do que eu contei, quando li o livro, mostra que Bartolomeu alcança seu objetivo de dar espaço para a criança criar. A conversa paralela acontece o tempo todo: “Deixa eu ver”, pede Caio, para confirmar se era um tatu ou um rato, e a discussão de cada detalhe vai confirmando o que Bartolomeu defende no *Manifesto por um Brasil Literário*, a respeito da necessidade de acesso ao texto literário como forma de garantir que a criança desenvolva os elementos que fundam a infância: liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia. O trecho a seguir reforça o cuidado de Bartolomeu para que o espaço da fantasia seja garantido em seus textos.

Depois descobri que escrever para criança é um ato de contenção. Eu não posso nunca, no meu trabalho para a criança, deixar escorregar toda a minha fantasia. Tenho que conter o texto, para a criança encontrar nele lugar para o imaginário dela. É muito perigoso, eu acho; eu não aceitaria essa ideia de fazer um texto em que eu escrevesse tudo, tudo da minha fantasia e não deixasse margem para a criança entrar com a experiência dela (QUEIRÓS, 2019b, p. 56).

A organização da sala para a contação de história varia sempre; no dia da leitura de *O pato pacato* (QUEIRÓS, 2004), organizamos um círculo com as cadeiras. Naquela ocasião, ficou evidente o cuidado que as crianças tiveram com os livros. A repetição dos gestos, a vergonha aliada à vontade de contar a história para os colegas... Pela primeira vez, Sophia pediu para contar a história. Entreguei o livro em suas mãos e ela escolheu se sentar no mesmo lugar em que me sentei quando contei a história. Então, filmei aquele instante.

Sophia faz sua leitura com a voz baixa, envergonhada, e é muito cuidadosa ao manusear o livro. Algumas crianças escutam, outras dizem que ela não sabe a história. Mariah se levanta e começa a andar no meio do círculo das cadeiras; peço a ela para se sentar e ela vai em direção a uma cadeira vaga, mas, por fim, decide se aproximar de Sophia e do livro. Sophia pausa sua leitura e diz claramente: “Senta lá!”, reproduzindo minha fala com a própria Mariah.



Sophia lê *O pato pacato* para os colegas.



Sophia interrompe a leitura do livro e pede para Mariah se sentar.

Minutos depois chega a vez de Mariah ler para os amigos. Assim como Sophia, Mariah escolhe se sentar na mesma cadeira em que me sentei. Sua fala também é tímida; Mariah ainda não articula frases completas, fala poucas palavras. Mas, no momento de contar a história, fala do jeito que dá e, de forma surpreendente, levanta-se e abre o livro para apresentar a ilustração para seus ouvintes, repetindo meus gestos, tomando cuidado para que todos possam partilhar daquele momento. Depois, volta ao seu lugar e se senta para apoiar o livro nas pernas e virar a página.



Mariah mostra aos colegas a ilustração do livro enquanto conta a história.



Mariah lê *O pato pacato* para os colegas.

As conversas de fundo são tão ricas quanto o momento da contação da história. Enquanto faço a filmagem, ouço as crianças brincando com as palavras presentes no livro e criando jogos de linguagem com a ajuda de Cleide, minha auxiliar de sala.

Cleide diz: “O gato foi pra onde?”. Alguém responde: “O gato foi pro mato”. Cleide entra na brincadeira: “E o mato?”. Maria Luísa inventa e responde: “O mato alguém jogou água”. Caio, voltando à história, diz: “O gato pulou”, e, sentado, imita o pulo do gato, conforme apresentado na ilustração do livro. Maria Luísa se interessa pela parlenda do gato que Cleide lhe ensina e as duas a repetem várias vezes.

Os relatos apresentados jamais contemplarão toda a experiência vivenciada em sala de aula, mas mostram um pouco como é fundamental alimentar o imaginário infantil desde a primeira infância. Vários livros foram lidos durante o período letivo, alguns de Bartolomeu e obras de outros autores, mas o ponto em questão é que o processo de ler para uma criança/grupo de crianças nem sempre é fácil: trata-se de um trabalho constante e contínuo para que a criança compreenda a riqueza de sua capacidade imaginativa e acompanhe o ritmo de uma história. Ser professora é um exercício diário de construção e conquistas nem sempre vistas por olhos leigos, ainda mais na educação infantil, local com terreno fértil e pouco conhecido quando falamos de leitura literária.

Para finalizar, é necessário ressaltar que nosso grupo preza pelo acesso ao livro de literatura desde a primeira infância – livros que podem ser tocados, lidos, relidos, inventados e reinventados, pois entendemos que a escola é, ou deveria ser, lugar seguro para o acesso à literatura.

Referências

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *2 patas e 1 tatu*. 2. ed. Ilustrações de Luiz Maia. São Paulo: Global, 2019a.

_____. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Organização de Júlio Abreu. 2. ed. São Paulo: Global, 2019b.

_____. *Anacleto*. 1. ed. Ilustrações de Júlia Bianchi. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

_____. *O pato pacato*. 1. ed. Ilustrações de Elisabeth Teixeira. São Paulo: Moderna: 2004.

Bartolomeu para as crianças (e não só!)

Maria Beatriz Rezende

Quando o grupo LeLiS se propôs a estudar a obra de Bartolomeu Campos de Queirós, partimos da constatação de que há uma significativa aceitação, e inclusive admiração, por parte das professoras da Educação Básica em relação a sua obra. Elas conhecem muitos de seus livros e frequentemente os têm como leitura de cabeceira.

No curso de extensão realizado pelo LeLiS em parceria com o PROALE em 2018 e coordenado pela professora Inez Helena Muniz Garcia, “Janelas do Bartolomeu: tempo, memória, sonhos”, e também em muitos escritos sobre o autor (orelhas de livros, textos teóricos, entre outros), chamou nossa atenção o fato de que, ao falar de Bartolomeu, os professores, comentaristas, resenhistas ou estudiosos intuitivamente lançavam mão de sua própria capacidade de se expressar poeticamente, como se a leitura de seus livros instigasse o leitor a buscar sua própria poesia.

Assim, levantamos a hipótese de que, tendo sido inicialmente qualificado como autor infantojuvenil, suas obras naturalmente ganharam o espaço escolar e, por sua vez, o público dos docentes, talvez de forma ainda mais forte do que o próprio público infantil.

As obras mais conhecidas e celebradas do autor, em geral, são as de cunho memorialista, com densa prosa poética e que frequentemente tematizam a infância, mas que não são necessariamente infantis. Essas obras encontram no público juvenil e nos educadores a problematização do seu próprio universo – os jovens, que estão se distanciando da recente infância, mas que a têm ainda muito presente dentro do seu processo de desenvolvimento; e os professores, que têm a infância como seu objeto de trabalho cotidiano. Esses dois grupos parecem encontrar na obra de Bartolomeu “chaves” que iluminam os conflitos, anseios, alegrias e frustrações do “ser criança” formador da personalidade adulta, sendo que o segundo grupo, em especial, se torna seu leitor. Ou seja, podemos dizer que Bartolomeu parece contribuir significativamente para a formação do professor-leitor.

Com base nessas reflexões, ponderamos sobre a pertinência de um trabalho de curadoria que revelasse as várias nuances da produção de Bartolomeu para melhor compreender o alcance das suas obras, por um lado, no sentido de ampliar a recepção de seus livros para além do espaço escolar e, por outro, com o intuito de conhecer melhor a qualidade da sua escrita voltada para crianças.

Buscamos então distinguir quais seriam os livros de Bartolomeu mais especialmente voltados para a infância. Teriam eles a qualidade dos textos de prosa poética mais extensos e densos? Verificamos que os títulos que aparentemente são dirigidos aos leitores pequenos, em seu processo de iniciação à leitura, com formatos editoriais e projetos gráficos elaborados para esse público, não parecem ter recebido a atenção devida como habitualmente recebem aqueles considerados “boa literatura”. Isso talvez aconteça por serem tidos como “menores”, como uma produção que não desperta interesse nos adultos, não apresentando níveis de profundidade para a geração de sentidos que permitiriam a sua fruição por diferentes faixas etárias, sendo, assim, tomados como obras elaboradas de forma mais pragmática para alcançar apenas o público infantil. Enfim, essas são

apreciações marcadas por um olhar superficial, norteadas pelos costumeiros preconceitos que orbitam a literatura destinada a crianças.

Porém, o que vemos nessas obras é o resultado de um trabalho metódico, inovador, inteligente e poético – seja no uso de imagens simbólicas, seja na irreverência, no humor e na capacidade de brincar com a língua –, como a expressão de um processo criativo e incansável do autor. Não há nada apressado ou feito de qualquer jeito nesse conjunto de textos. Na verdade, esse grupo de livros demonstra especialmente o encantamento do autor pela língua como fonte de criação e liberdade. Não poderia ser diferente, quando o autor declara:

Palavras

Se olho demoradamente para uma palavra descubro, dentro dela, outras tantas palavras. Assim, cada palavra contém muitas leituras e sentidos. O meu texto surge, algumas vezes, a partir de uma palavra que, ao me encantar, também me dirige. E vou descobrindo, desdobrando, criando relações entre as novas palavras que dela vão surgindo. Por isso digo sempre: é a palavra que me escreve. (QUEIRÓS, 1993, p. 5)

Discutir a destinação das obras de Bartolomeu implica encontrar interesse e acolhimento de leitores os mais variados, porque ele nem sempre é um autor de literatura infantil. No caso desse grupo de livros, o lirismo neles presente encontra-se generosamente a serviço tanto das crianças pequenas quanto da capacidade lúdica presente nos adultos. Nessas obras fica clara a proposta de **jogo**, mais precisamente o que denominamos de *jogos de linguagem*. Os jogos encontram eco na escola, no convívio em família, nas produções em diversos suportes para crianças – escrita, animações, músicas, outras mídias –, por se revestirem da ideia de **brincadeira**.

Essas conhecidas modalidades de expressão lúdica da língua têm, por um lado, um caráter de legado – de patrimônio lúdico-cultural a ser resguardado do

risco de desaparecimento – e, por outro, de seguir representando o espaço da brincadeira viva – aquela que permite a interação e induz à criatividade – como uma prática sempre em renovação que igualmente define a língua viva.

Mas sabemos que os jogos de linguagem não têm apenas o sentido de brincadeira, ou, melhor dizendo, a brincadeira não se resume a algo meramente lúdico para divertir ou passar o tempo. Como dizem Jean Chevalier e Alain Gheerbrant em seu *Dicionário de símbolos*:

Os jogos aparecem sempre, consciente ou inconscientemente, como uma das formas de diálogo do homem com o invisível. [...] O jogo sobre-ativa a imaginação e estimula a emotividade. [...] Jogar com alguma coisa significa dar-se ao objeto com o qual se joga; o jogador coloca de certo modo sua própria libido na coisa com que joga. Disso resulta que o jogo se converte em uma ação mágica que desperta a vida [...] Jogar é lançar uma ponte entre a fantasia e a realidade, através da eficácia mágica da própria libido; jogar é portanto um rito de entrada e prepara o caminho de adaptação ao objeto real. [...] Os jogos são a alma das relações humanas e educam com grande eficácia. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 612, tradução nossa)

Bartolomeu não se atém a um formato específico, ora escrevendo ao modo das parlendas, ao se servir de rima, versificação e cadência:

Um dia o leão do meu irmão
Deu uma patatada no pato
Deu um sopapo no sapo
E fez um sapato (QUEIRÓS, 2004c, p. 20)

Ora criando trava-línguas, inventando fraseados com sentido lógico, porém estruturados de maneira a testar a agilidade verbal do leitor:

O rio ri do riso da Rita.
O rato rola rumo ao rio.
Rita rapa a raspa da rapadura. (QUEIRÓS, 2009, p. 42)

Não faz adivinhas, mas cria espécies de enigmas com o uso do *nonsense*:

O Dragão degolou as dores de Dolores. (id., *ibid.*, p. 14)

E ainda cria modelos, em certa medida, aproximando-se das histórias sem fim ou de lenga-lengas, com relatos ritmados que demonstram a lógica das coisas. Exemplo disso é o uso repetitivo do diminutivo, que remete à ordem, à previsibilidade, na estrofe a seguir:

A pintinha de fitinha
Bica bem devagarinho
A farofinha do farelinho
O pintinho de pintinhas
Bica bem apressadinho
O farelinho da farofinha (QUEIRÓS, 2006, p. 15)

Outros exemplos de livros do autor destinados aos pequenos (mas não só) seriam os seguintes: *De bichos e não só* (2016), *As patas da vaca* (2005), *Anacleto* (2008), *O pato pacato* (2004b), *2 patas e 1 tatu* (2019), *De letra em letra* (2004a), *Diário de classe* (1993) e *História em 3 atos* (2007).

Assim, Bartolomeu brinca com a linguagem para entreter e despertar a curiosidade do leitor infantil pelo aprendizado das palavras e dos seus variados significados e sons. O mediador perspicaz não só se surpreende, como se diverte e é desafiado pelo autor a não se esquecer da riqueza e do poder da língua para o desenvolvimento humano.

Referências

- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1988.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *2 patas e 1 tatu*. 2. ed. Ilustrações de Luiz Maia. São Paulo: Global, 2019.
- _____. *De bichos e não só*. 1. ed. Ilustrações de Orlando Pedroso. São Paulo: Global, 2016.
- _____. *ABC até Z*. 1. ed. Ilustrações de Júlia Bianchi. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- _____. *Anacleto*. 1. ed. Ilustrações de Júlia Bianchi. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.
- _____. *História em três atos*. 14. ed. 5ª reimpressão. Ilustrações de André Neves. São Paulo: Global, 2007.
- _____. *Somos todos igualzinhos*. 1. ed. 2ª reimpressão. Ilustrações de Guto Lacaz. São Paulo: Global, 2006.
- _____. *As patas da vaca*. 10. ed. 7ª reimpressão. Ilustrações de Orlando Pedroso. São Paulo: Global, 2005.
- _____. *De letra em letra*. 1. ed. Ilustrações de Elisabeth Teixeira. São Paulo: Moderna, 2004a.
- _____. *O pato pacato*. 1. ed. Ilustrações de Elisabeth Teixeira. São Paulo: Moderna, 2004b.
- _____. *Pé de sapo e sapato de pato*. 1. ed. Ilustrações de Graça Lima. São Paulo: Editora do Brasil, 2004c.
- _____. *Diário de Classe*. 3. ed. Ilustrações de Claudia Scatamacchia. São Paulo: Moderna, 1993.

Os livros nas mãos do presente

Nilma Lacerda

Conscientes da falta de acesso das crianças e dos jovens brasileiros a livros, e confiantes em que “um país se faz com homens e livros”, frase de Monteiro Lobato em *América*, três mulheres, em um ato de coragem cotidiana e continuidade ao projeto de Jella Lepman, dão vida à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), seção brasileira do IBBY, em 1968. Era um período conturbado no Brasil e no mundo, tempo de reivindicações e lutas; eu era professora primária em uma escola no subúrbio do Rio de Janeiro, responsável pela biblioteca escolar. Diziam que era uma biblioteca, eu acreditava, e fazia meu trabalho com convicção e paixão. Enfrentava dificuldades, às vezes, como nos momentos em que precisava fazer de folhas mimeografadas um livro. A falta de habilidade manual para colorir, colar papéis em folhas de cartolina, abrir pequenos furos nas abas laterais por onde fazer passar um cordão que as unisse, tornava a atividade penosa. E, depois, semelhante a um livro, mas que não era um livro. Era a forma de atualizar o acervo das bibliotecas escolares. Tenho *Aderbal*, de Flávia da Silveira Lobo, guardado com especial apreço e meu colorido fraco.

Deixei pouco depois a escola primária, passei ao que equivale hoje aos anos finais do Ensino Fundamental. Um bom tem-

po depois, minha amiga Regina Lúcia e eu defendíamos com extrema convicção a relevância do papel da escola na relação entre criança e livro. Do outro lado, defendendo com igual convicção que a escola não tinha que se meter entre livro e menino, Bartolomeu Campos de Queirós, escritor singular e admirado, que se tornaria amigo querido. Mas naquele dia em 1989, no III Congresso da FNLIJ, nossos campos eram opostos, e cada um de nós tinha sua parcela de razão.

Vivi a maternidade (vivo até hoje) como grande aventura afetiva e intelectual. Nascida a primeira filha, me empenhei na formação da biblioteca infantil. A FNLIJ logo entrou em meu horizonte, assim como *Mário, Pedro*, os primeiros livros de Bartolomeu comprados na livraria de uma galeria em Ipanema, a Espaço Aberto. Dessa livraria vieram muitas das obras iniciais de nossa biblioteca, e que, no frequente processo de socialização para suprir carências que permaneciam, eram levadas para a escola pública em que trabalhava, para serem lidas e circular nas mãos da garotada.

O primeiro prêmio da FNLIJ havia sido em 1975, mas ao final da década a literatura para crianças e jovens era ainda presença rara nas bibliotecas escolares. Se Bartolomeu protestava contra a escolarização da literatura, procedimento que tornava o livro literário uma peça pedagógica, isso não retirava a importância da escola para o contato de crianças e jovens com livros. Ter na escola o espaço principal de acesso ao livro e à leitura sempre foi o ponto central da posição de Elizabeth Serra, secretária-geral da Fundação, perspectiva que se expandiu durante o tempo em que participou da direção colegiada do Programa Nacional de Incentivo à Leitura, o PROLER, da Fundação Biblioteca Nacional.

Década de 1990, o Brasil vivia uma valorização da leitura, a FNLIJ projetava-se nacional e internacionalmente. Bartolomeu ganhava seguidos prêmios com sua obra memorável, alcançava a posição de *hors concours* dos Prêmios FNLIJ. Nos fizemos amigos, conciliados sobre a inigualável potência da escola como biblioteca para o povo brasileiro. Estivemos juntos em vários encontros

do PROLER pelo país, em Cuba, na Colômbia, quase sempre representando a FNLIJ. A potência revolucionária do livro em mãos infantis, presente à formação do arte-educador que Bartolomeu também era, acompanhava-o na relação com as professoras, sempre as primeiras e especiais leitoras de sua obra.

O empenho na reflexão teórica e as consequências éticas e políticas inerentes ao ato da leitura literária fazem de Bartolomeu um colaborador cada vez mais frequente da FNLIJ, na instituição de uma parceria fecunda, evidenciada no próprio nome que se dá ao seminário realizado no âmbito do Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens. O generoso projeto de Bartolomeu buscava abarcar o país, e a ideia de Áurea Alencar, acolhida pela FNLIJ e outras entidades, propicia a criação do Movimento por um Brasil Literário, e é Bartolomeu que redige o Manifesto. A conquista do prêmio Iberoamericano SM em 2008, marco na expansão da carreira de Bartolomeu, a condição de finalista por duas vezes do Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil, denotam o legado inestimável do autor à humanidade e sedimentam a perspectiva do trabalho utópico.

Não tomo a Utopia no sentido dado por Thomas Morus a uma ilha imaginária, com um sistema sociopolítico ideal, inalcançável, portanto. Opto pela sinalização do movimento que desloca a humanidade, conduzindo-a para lugares de bem-estar, saúde, felicidade. É uma epifania quando experimentamos situações que comprovam esses deslocamentos, mínimos que sejam. Vivi retalhos de utopia quando, em 2006 e por anos seguintes, participei como docente do curso Leitura, Literatura e Formação de Leitores, organizado pela FNLIJ, sob demanda da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, na gestão de Simone Monteiro. Percorri escolas em todo o município, atravessando a cidade de norte a sul, leste a oeste. As Salas de Leitura – na denominação de Darcy Ribeiro para as antigas bibliotecas escolares – não apresentavam mais apostilas como simulacro

de livro oferecido a suas crianças. Nesse período, encontrei um acervo diversificado e de qualidade em todas as escolas nas quais estive.

Pouco depois dos primeiros indícios da doença de Bartolomeu, ele, já aparentemente recuperado, mas sabedor dos duros limites dali para a frente, me presenteou com o relógio que tinha visto em seu pulso e elogiado havia algum tempo. Pudera, em vez de números, uma frase de Proust dava a medida do tempo. Fiquei surpresa, um tanto envergonhada, sem entender bem a razão daquele gesto. “Ele está se despedindo, mãe”, disse uma de minhas filhas.

Soube recentemente que Bartolomeu movimentara-se para criar a Fundação Bartolomeu Campos de Queirós e acabou desistindo, tais as exigências burocráticas. Neste país, “construído na mentira política e na desigualdade social”, como digo em *Cartas do São Francisco*, as ações voltadas à cultura e à memória costumam ser abortadas por desinteresse público, patente em dificuldades incontornáveis e armadilhas legais. Bartolomeu não realizou seu desejo, e amigos e admiradores assumem, de variadas formas, a divulgação da obra, por meio de estudos e cursos que efetivam o boca a boca, tão necessário à contínua circulação de um pensamento ético e estético. Em Papagaios, o Museu Bartolomeu Campos de Queirós mantém objetos do autor, que deixa grande legado à cultura brasileira.

No pulso de Bartolomeu, a frase de Proust apontava caminhos: “Antigamente, eu me deitava cedo. Às vezes, mal a luz se apagava, meus olhos se fechavam tão rápido que nem tinha tempo de dizer ‘Adormeço’. E...”. Como o sonho, a leitura mostra-se também um bem do sono. Ao despertar, Proust veria o livro na cabeceira, nas mãos do novo dia. Bartolomeu sonhou criança e livro em intimidade, sem intromissões, como deve ser. No máximo, alguém que comenta, pergunta, “gostou?”. Ouve a resposta, mantém o diálogo em total respeito à fala ou silêncio do outro. Responsáveis e acordados, acatamos os livros nas mãos do presente. Aí estão, daí não podem sair. E devem ser livros, que o Estado tem a obrigação

de fornecer. Livros, não arremedo de livros, como meu saudoso *Aderbal*, que foi apostila e existiu como volume apenas no pequeno círculo dos conhecidos da autora, sem conseguir se alçar ao destino adequado de um livro para crianças.

Livros para crianças, nas mãos das crianças, é um dos itens capitais para que se possa falar em saúde de forma adequada. Entre as importantes transformações conceituais do final do século XX está a mudança de foco sobre a saúde, que passa da perspectiva de cura de enfermidades para a meta de construção de qualidade de vida, autêntico conceito-em-progresso, aberto pela Carta de Ottawa, redigida por ocasião da 8ª Conferência Mundial de Saúde (1986). Nesse diapasão, as dimensões psíquicas e sociais integram-se à do corpo físico saudável. Um ambiente social permeado por valores e comportamentos que garantam segurança e conforto e o contato com narrativas, poesias e outros gêneros literários, por meio de narradores tradicionais, de objetos impressos ou em formato digital, constituem parte essencial de uma vida harmoniosa – que deixará a doença à distância.

A literatura é comunicação, segundo o teórico Georges Bataille. Uma obra literária não traz respostas, mas apresenta as questões humanas e deixa perguntas que movem o indivíduo em direção ao próprio âmago. As representações da condição humana – fundamento da literatura – propiciam identificação e busca de caminhos em direção ao encontro íntimo e à felicidade, concebida como fruição da plenitude vital do ser.

A potência da palavra é, para Bartolomeu Campos de Queirós, via essencial para esse caminho. O conjunto textual de sua obra tem na palavra, que tanto fere quanto cura, seu meridiano central. Saúde e palavra mesclam-se de forma indissociável no repertório ético e estético do autor, constituindo-se talvez seu maior legado. A pandemia trouxe condições inesperadas e inusitadas de vida para a humanidade, acarretando males em variadas dimensões. Este grupo de pesquisa, íntimo da obra de Bartolomeu, se perguntou sobre maneiras de, na delica-

deza do momento, divulgar ou intensificar a circulação de suas palavras. A ideia dos *posts* nas redes sociais pareceu adequada e contemporânea. A capa da obra selecionada, um mínimo fragmento textual com referência a atitudes geradoras de saúde e um pequeno comentário sobre as situações de pandemia e isolamento físico eram dispostos de forma harmônica para publicação nas redes sociais dos componentes do grupo. Divulgava-se uma obra importantíssima na literatura brasileira e, por meio dela, oferecia-se o consolo característico da literatura.

Primo Levi, em *É isto um homem?*, diz ao companheiro no campo de Auschwitz, a quem tenta ensinar italiano, por meio dos versos de Dante:

Cuidado, Pikolo, abre os ouvidos e a mente, eu preciso que compreendas:

Relembrai vossa origem, vossa essência:

vós não fostes criados para bichos,

e sim para o valor e a experiência.

É como se eu também ouvisse isso pela primeira vez: como um toque de alvorada, como a voz de Deus. Por um momento, esqueci quem sou e onde estou.

Pikolo me pede para repetir esses versos. [...] talvez [...] tenha recebido a mensagem, percebido que se refere a ele também, refere-se a todos os homens que sofrem, e, especialmente, a nós: a nós dois, nós que ousamos discutir sobre estas coisas, enquanto levamos nos ombros as alças do rancho (LEVI, 2000, p. 116).

Bartolomeu toma a palavra para dizer do valor e da experiência do humano. Faz isso em umas obras mais, em outras menos, mas conserva, em todas, o grão de nossa origem e essência: a palavra.

Referências

LEVI, Primo. *É isto um homem?* 3. ed. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Paratextos editoriais:

o *post* como epitexto

Margareth Mattos

A primeira publicação de Bartolomeu Campos de Queirós de que se tem notícia é *O peixe e o pássaro*, livro da editora Vega, de 1974, segundo os arquivos digitais da Biblioteca Nacional e da Biblioteca FNLIJ. Esses arquivos também nos informam sobre mais três edições do livro: uma da Miguilim, de 1980; as outras duas da Formato – uma edição renovada de 1991 e uma 6ª edição de 2004. Depois de *O peixe e o pássaro*, Bartolomeu publicaria, até 2012, mais de sessenta títulos, a maior parte de literatura.

Escritor consagrado no campo da literatura para crianças e jovens, Bartolomeu teve alguns dos seus títulos mais prestigiosos com sucessivas edições ântumas, ou seja, produzidas em vida – como *Coração não toma sol* (FTD, 1986), que em 1998 já se encontrava na sua 11ª edição; *Cavaleiros das sete luas* (Miguilim, 1985), em 2004 na sua 11ª edição pela Global; *Correspondência* (Secretaria de Estado de Educação de Belo Horizonte, 1986), em 2004 na sua 17ª edição pela RHJ –, e póstumas, pois grande parte dos seus livros é publicada atualmente pela editora Global, detentora dos direitos sobre sua obra.

Ao longo das cinco últimas décadas, a maioria dos livros de Bartolomeu foram reeditados, alguns com mudanças no texto

verbal – menos substanciais –, e a maioria com alterações no texto visual e nos seus elementos paratextuais, muito mais numerosas e significativas.

As de natureza textual dizem respeito a alterações no texto verbal promovidas pelo próprio escritor, e, no texto visual, em virtude da troca de ilustradores. Um exemplo de livro que sofreu alterações em seu texto verbal é *Ah! Mar*, com primeira edição pela Quinteto Editorial em 1985, tendo sido reeditado posteriormente pela Alis em 1999 e pela RHJ em edição renovada de 2007. Já as mudanças no texto visual são bastante numerosas, pois em muitos dos seus livros os ilustradores foram substituídos por outros, o que acarretou consideráveis implicações nos efeitos de sentido produzidos a partir do texto verbo-visual. É o caso, por exemplo, de *Faca afiada*, que teve Mario Cafiero como ilustrador nas edições iniciais da editora Moderna, como a 3ª edição de 1991 apresentada na figura 1, e Odilon Moraes como ilustrador das edições mais posteriores dessa mesma editora, como a 3ª edição de 2002, como se pode observar na figura 2.

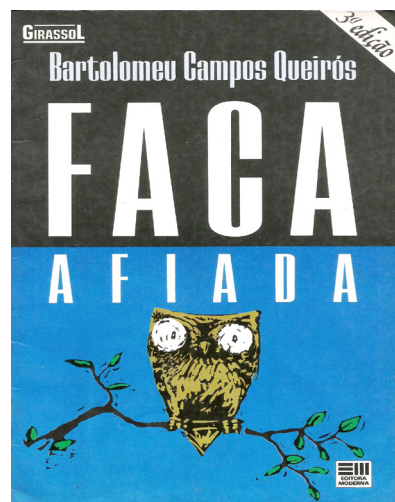


Figura 1 Capa de *Faca afiada*, 1991. Ilustrada por Mario Cafiero.



Figura 2 Capa de *Faca afiada*, 2002. Ilustrada por Odilon Moraes.

Observando-se as capas dos dois livros, pode-se constatar que mudanças na autoria dos textos visuais acarretam, necessariamente, mudanças também nos paratextos editoriais das obras. Mas o que é paratexto?

Paratexto é o lugar em que o texto, seja ele verbal, visual ou verbo-visual, se materializa, se corporifica para chegar ao leitor. Genette (2009) o compara a um *limiar*, a um *vestíbulo*

que oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou de retroceder. “Zona indecisa” entre o dentro e o fora, sem limite rigoroso, nem para o interior (o texto) nem para o exterior (o discurso do mundo sobre o texto), orla, ou, como dizia Philippe Lejeune, “franja do texto impresso que, na realidade, comanda toda a leitura” [...] zona não apenas de transição, mas também de *transação*: lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente. (GENETTE, 2009, p. 9-10)

De responsabilidade principalmente do editor, os paratextos “não cessam de modificar-se conforme as épocas, as culturas, os gêneros, os autores, as obras, as edições de uma mesma obra, com diferenças de pressão às vezes consideráveis” (id., *ibid.*, p. 11).

Apresentando diferentes características, os paratextos, em termos do espaço que ocupam em torno do texto, dividem-se em duas instâncias: os peritextos e os epitextos.

Os paratextos que se encontram materialmente anexados ao livro – a capa, as guardas, a folha de rosto, o título, o nome de autor, o formato e o tamanho do livro, a encadernação, o tipo de papel, a tipografia, a dedicatória, o prefácio, entre tantos outros elementos – são chamados de peritextos editoriais.

O que ocorrera com o primeiro livro publicado de Bartolomeu Campos de Queirós, que contou com algumas reedições e, conseqüentemente, com alte-

rações em seus elementos peritextuais, seria um prenúncio do que ocorreria com seus demais livros continuamente reeditados.

Alterações na materialidade e no design gráfico, ou seja, nos elementos peritextuais, podem ser observadas em várias de suas obras, entre elas *Faca afiada*. As capas apresentadas nas figuras 1 e 2 têm diferenças significativas em seu tamanho, na disposição dos créditos – título, logotipo da editora, nome de autor (o nome do ilustrador, por exemplo, só aparece na capa da edição mais recente) –, na tipografia empregada e nas ilustrações. Outros dois elementos peritextuais que não estão na capa, mas nos elementos pré-textuais do miolo, chamam atenção ao se cotejarem essas duas edições: um preâmbulo na edição de 1991 que desaparece na edição de 2002; e uma dedicatória que, na edição de 2002, toma o lugar do preâmbulo da edição anterior. Na edição de 1991, o preâmbulo do texto vale-se de uma estratégia de convencimento do leitor, levando-o a acreditar na veracidade da história que lhe vai ser contada e, com isso, induzindo-o a firmar um pacto não ficcional com a ficção – “Esta é uma história verdadeira. Faz tempo que tenho vontade de escrevê-la, por insistência do Victor, um menino amigo meu. É que, quando conto tal história, ele fica muito emocionado com a verdade. Hoje ganhei coragem” (QUEIRÓS, 1991, p. 3). O menino Victor, amigo do escritor, será identificado com seu nome completo na dedicatória da edição de 2002 – “Para Victor Muanis Vilaça” (QUEIRÓS, 2002, p. 3) –, desaparecendo daí tanto a referência ao vínculo de proximidade entre destinatário da dedicatória e escritor quanto a interpelação do leitor para convidá-lo a estabelecer um pacto de leitura oscilante entre o factual e o ficcional.

No entanto, existem paratextos que não se encontram materialmente anexados ao livro, não constituindo, assim, sua corporeidade. Esses paratextos são chamados de epitextos. Os epitextos não se misturam com o livro e podem se situar em qualquer lugar, desde que fora dele. Por isso, o epitexto é um discurso sobre o livro que circula em um espaço social potencialmente ilimitado. Resenhas

críticas sobre livros, entrevistas com o autor, entre outros gêneros do discurso, são, na verdade, epitextos, importantes veículos para que o leitor chegue até o livro em sua materialidade. É o caso dos *posts* sobre a temática da saúde em tempos de pandemia relacionados à obra de Bartolomeu Campos de Queirós que o LeLiS elaborou de abril a dezembro de 2020. A publicação dos *posts* teve início em 24 de abril de 2020, acontecendo todas as sextas-feiras até o dia 25 de dezembro, última sexta-feira do ano, totalizando 36 *posts*, que abrangeram pouco mais de metade dos livros do autor.

Os *posts* buscaram associar o momento de pandemia, com todas as suas consequências e desdobramentos, àquilo que Bartolomeu procurou expressar por intermédio de sua literatura, e tiveram como principal objetivo suscitar nos leitores, por meio de uma poética da palavra e da imagem, reflexões sobre questões sociais e existenciais inquietantes e instigadoras em tempos de necessário isolamento social – tempos de muitas dúvidas, angústias e incertezas. A aposta foi de que os *posts* poderiam incentivar e sensibilizar as pessoas para a leitura dos livros de Bartolomeu; afinal, essa é a principal função dos epitextos: serem pontes entre leitores e livros.

Para isso foram selecionados pelos integrantes do grupo LeLiS fragmentos de 36 livros do autor, com o intuito de alcançar não só os leitores da obra de Bartolomeu, mas também aqueles que poderiam vir a lê-lo. Assim, por meio dos *posts*, provocações semanais em doses homeopáticas, buscou-se instigar o público a redescobrir ou a conhecer os livros de Bartolomeu.

Veiculados nas redes sociais dos integrantes do grupo LeLiS, como o Facebook, o Instagram e o WhatsApp, os *posts* puderam ser compartilhados e ganharam o mundo, potencializando-se, assim, seu estatuto de discursos sobre os livros.

É importante dizer que essa atividade se configurou como uma verdadeira força propulsora para que o grupo LeLiS, impedido pela pandemia de se en-

contrar de forma presencial, retomasse virtualmente suas atividades, voltando a realizar suas reuniões quinzenais *on-line*. Nesse sentido, a elaboração dos *posts* desafiou os participantes do grupo a se voltar para a obra do autor com uma nova perspectiva: a de buscar as palavras potentes e significativas que pudessem ser ressignificadas na construção dos epitextos.

Se a ordem de apresentação dos *posts* foi aleatória – à medida que os participantes do LeLiS sugeriam os fragmentos que propiciassem reflexões sobre o inóspito e o inevitável vivido por todos –, sua composição não o foi. Todos os *posts* seguiram um mesmo padrão de design gráfico, mantendo-se uma identidade visual, dada tanto pelos elementos textuais quanto peritextuais, que os definiram como um conjunto homogêneo, ainda que dotado de heterogeneidade nos assuntos e temas contemplados.

Para apresentar os *posts* neste *e-book* como um conjunto, pensou-se em uma forma de categorizá-los a partir de eixos temáticos relacionados à saúde no contexto da pandemia. É disso se que tratará a seguir.

Referências

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Faca afiada*. Ilustrações de Odilon Moraes. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

_____. _____. Ilustrações de Mario Cafiero. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1991.

A saúde em Bartolomeu

Maria Beatriz Rezende

Quando surgiu o projeto de produzir um *e-book* reunindo todos os 36 *posts*, elaborados ao longo de 2020 sob a perspectiva da nossa vivência e perplexidade diante da pandemia, nos perguntamos quais seriam os temas que intuitivamente teríamos abordado com relação à saúde. Isso porque a produção dos *posts* se deu de forma aleatória, ou seja, não houve uma seleção prévia dos livros, tampouco uma projeção de sua duração e de seu alcance. A princípio, seriam apenas quatro *posts* publicados ao longo de quatro semanas. Depois, todo o grupo se empenhou em voltar aos livros de Bartolomeu a fim de encontrar outros trechos significativos que permitissem a continuidade do projeto, que teve vida bastante longa, se estendendo até a última semana de 2020.

A análise do conjunto produzido nos permitiu elencar os seis principais eixos temáticos que, por sua vez, conferiram um sentido mais amplo à confecção dos *posts*, mostrando como a literatura de um modo geral, e também no caso dos livros de Bartolomeu, pode se apresentar como um recurso terapêutico e mesmo um caminho para a cura dos males da alma. Assim, criamos os eixos **poesia**, **superação**, **consciência política**, **lúdico**, **rotina** e **contemplação**, a seguir apresentados.

1. Poesia: a imaginação e a linguagem como capacidades que permitem experimentar o mundo, mesmo sem vivenciá-lo, criando a liberdade, seja qual for o tipo de prisão/confinamento.

Ao ser capaz de imaginar, o ser humano aprende que a realidade não é absoluta, não é igual para todos, e que necessariamente se apresenta como uma construção do “eu” mediante o mundo. Assim, é possível recriá-la a todo instante. Na capacidade de imaginar residem a liberdade e a afirmação do “ser”.

Em *Ah! Mar*, o protagonista, ao olhar uma fotografia, decide o que quer ver: “Não podiam ser meu mar as águas aprisionadas num quadrado de papel. Meu mar não tinha margens e nem cabia dentro de mim. Ele era em liberdade, além do horizonte, e não suportava prisões” (QUEIRÓS, 2007, p. 18).

Este eixo temático reúne onze *posts* referentes aos seguintes livros: *Ah! Mar*; *Coração não toma sol*; *Foi assim...*; *Isso não é um elefante*; *Mário*; *Menino de Belém*; *Menino inteiro*; *O olho de vidro do meu avô*; *O ovo e o anjo*; *Para ler em silêncio* e *O peixe e o pássaro*.

2. Superação: a sabedoria de lidar com as perdas e frustrações, fortalecendo o espírito e criando horizontes, visando ultrapassar traumas, conflitos e reveses.

A felicidade, o sucesso e mesmo o poder são conceitos presentes na sociedade, produzidos por uma lógica obscura para a maior parte das pessoas, que desconsidera a complexidade dos níveis de realização que cada um de nós pode ter. Há incontáveis alegrias, conquistas e sucessos que não são contemplados por esses conceitos forjados na nossa sociedade essencialmente consumista, autoritária e desigual.

Essa sociedade não permite a frustração, que, ao contrário do que se possa pensar, é o que traz compreensão, o que permite seguir em frente, flexibilizar as perspectivas, mudar, promover o autoconhecimento – e, uma vez superada, é o que forja um ser livre, capaz de enfrentar outras frustrações. Não há como negá-las, mas há como enfrentá-las se as compreendermos como uma luz diante de tantas possibilidades que temos de estar no mundo.

Bartolomeu, em *Minerações*, diz: “HÁ QUE SE APRENDER do rio o ritmo [...] HÁ QUE SE EXISTIR sem sede como a chuva [...] HÁ QUE SER FRÁGIL o suficiente e reconhecer-se inábil para inferir emendas na lei que equilibra as águas [...]” (QUEIRÓS, 1991b, n.p.).

Este eixo temático reúne dez *posts* referentes aos seguintes livros: *Até passarinho passa*; *Cavaleiros das sete luas*; *Elefante*; *Entretantos*; *Flora*; *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*; *A Matinta Perera*; *Minerações*; *Tempo de voo* e *Vermelho amargo*.

3. Consciência política: o pertencimento à coletividade, característico da vida em sociedade, lembra ao ser humano que, mesmo isolado, ele não está só, sendo convocado ao posicionamento, à participação e à solidariedade.

A tomada de posição é tanto um direito como um dever; assim sendo, é uma condição da vida em sociedade. Mesmo na omissão, há uma decisão. A consciência política só existe em referência ao “outro”, dizendo respeito a como queremos nos relacionar com o mundo. Ou seja, nos permite estar “em companhia”, mesmo que em oposição ao outro. Nela, reside a noção de fraternidade, que abarca as posturas de cada um dos homens. Estamos juntos na aventura da vida – para o bem e para o mal, considerando que somos todos capazes de um e de outro – pela simples razão de que, queiramos ou não, somos irmãos.

Em *Correspondência*, Bartolomeu resume: “Procurei dentro de mim uma palavra dormindo. Só encontrei uma: igualdade. Ela nos permite viver as diferenças” (QUEIRÓS, 1986, n.p.).

Este eixo temático reúne seis posts referentes aos seguintes livros: *Apointamentos*; *Correspondência*; *O livro de Ana*; *Nascemos livres*; *Sem palmeira ou sabiá* e *Sobre ler, escrever e outros diálogos*.

4. Lúdico: manifestação que pode assumir a forma de jogo, brincadeira ou divertimento, configurando-se como recurso para a cura.

A capacidade de brincar é um recurso poderoso. Não apenas no sentido mais clássico do entretenimento, da diversão pura e simples, com espaço e momento específicos, mas no modo como ela pode estar presente em muitas das nossas atividades diárias. É assim porque o lúdico permeia todos os nossos sentidos: tato, visão, audição, olfato e paladar. Ou seja, põe de lado a mente com sua faculdade eminentemente intelectual. Tendemos a ser muito mentais, cerebrinos, achando que tudo se resolve ou se descobre a partir do intelecto, da capacidade de pensar – que, como sabemos, é capaz de criar realidades que, se por um lado, podem nos libertar, por outro, podem nos aprisionar.

O lúdico nos lembra de que somos muito mais do que a mente e sua faculdade intelectual, mostrando-nos que há inteligência em todo o corpo. Há inteligência nas mãos ao tocar e manusear, por exemplo. Há magia na música ouvida, no sabor degustado, no aroma sentido, nas imagens captadas (que são muito inflacionadas hoje, a ponto de desequilibrarem a percepção do mundo). Desse modo, se nos permitirmos ser lúdicos, além de brincar, poderemos deixar que a solução de problemas surja do bem-estar. Poderemos descansar de pensar, rir de nós mesmos, “dançar conforme a música”. Em *Indez*, Bartolomeu afirma: “Com a mãe, os filhos aprenderam a brincar. Ela fazia tudo ficar mais alegre. [...] Brincar encurta o caminho, dizia ela” (QUEIRÓS, 1994, p. 55).

Este eixo temático reúne quatro posts referentes aos seguintes livros: *Anacleto*; *O fio da palavra*; *Indez* e *Sei por ouvir dizer*.

5. Rotina: o lugar do equilíbrio.

Em geral, vemos a rotina como uma prisão, como se o ideal fosse viver sempre fora dela, escapando dela. Costumamos enaltecer os momentos de exceção – as festas, as celebrações, as férias – como se fossem o sentido da vida. Mas esses momentos só existem como *extraordinários* justamente porque temos rotina. Não é possível viver apenas da exceção; no limite, ela se tornaria também uma rotina (muito cansativa talvez).

Como um ser que precisa se alimentar três vezes ao dia, se sentar, tomar banho, dormir – e dormir deitado na cama! – poderia prescindir da rotina? Vale lembrar aquele bom conselho que diz: se você conseguir trabalhar no seu emprego, se divertir nas férias, se alimentar quando está comendo e descansar quando está dormindo, a vida fica excelente! Mas, em geral, no trabalho a mente pensa em se divertir; nas férias ela se preocupa com o trabalho; na hora de comer ela faz de tudo, menos prestar atenção no alimento; e quantas vezes também a mente não nos permite descansar no sono?

O que nos possibilita “estar presentes” no que estamos fazendo é a nossa capacidade de ter rotina. Ela é um abrigo, uma proteção, não tem que ser rechaçada, nem mesmo aceita com resignação; é para ser curtida!

Em *Faca afiada*, Bartolomeu escreve: “Sem quebrar o costume todos se recolhiam para as camas na hora de sempre. [...] Dormir é esquecer, temporariamente, de tudo. Dormir é descansar, é tomar fôlego” (QUEIRÓS, 1991a, p. 14).

Este eixo temático reúne 3 *posts* referentes aos seguintes livros: *Antes do depois*; *Faca afiada* e *O rio*.

6. Contemplação: a capacidade humana de internalizar o mundo exterior, fortalecendo a alma e criando uma “janela” para fora do confinamento.

Em *Por parte de pai*, Bartolomeu descreve o movimento de trazer para dentro de si o que está fora, e de se sentir pleno e renovado com isso, pois a cada mirada pela janela o olhar descobre detalhes não vistos antes.

Saber contemplar o exterior renova e alimenta nosso interior: “Usava todas as janelas da casa, apreciando os quatro cantos do mundo, sempre surpreso, descobrindo uma nova cor, um novo vento, uma nova lembrança” (QUEIRÓS, 1995, p. 25).

Este eixo temático reúne dois *posts* referentes aos seguintes livros: *A árvore* e *Por parte de pai*.

Referências

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Ah! Mar*. Ilustrações de André Neves. Belo Horizonte: RHJ, 2007.

_____. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

_____. *Indez*. 4. ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1994.

_____. *Faca afiada*. Ilustrações de Mario Cafiero. São Paulo: Moderna, 1991a.

_____. *Minerações*. Ilustrações de Paulo Bernardo Vaz. Belo Horizonte: RHJ, 1991b.

_____. *Correspondência*. Ilustrações de Angela Lago. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais; Miguilim, 1986.

Parte III Posts

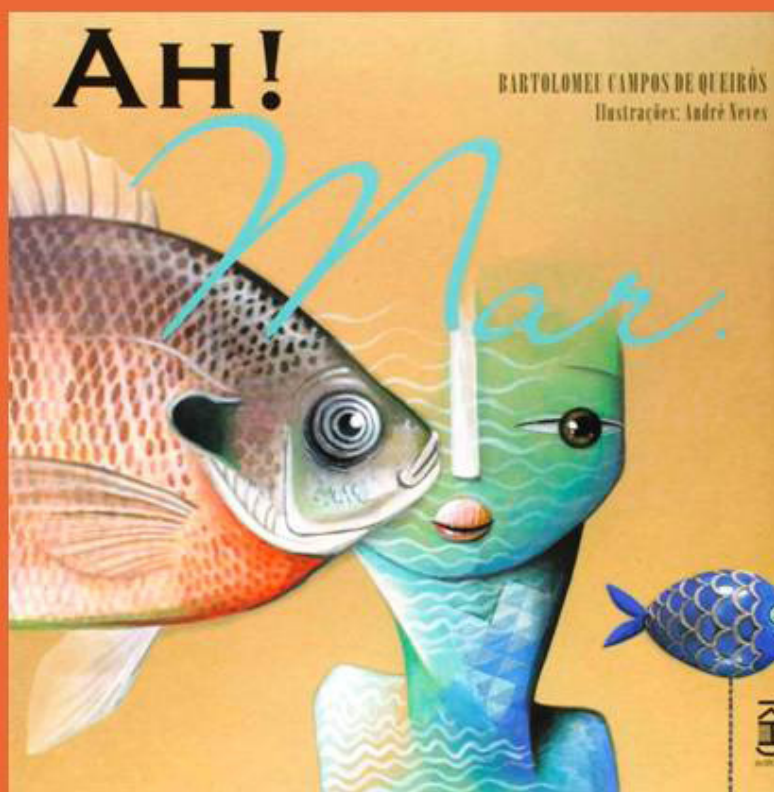
Poesia

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

**Bartolomeu nos lembra do desejo pelo mar
como a liberdade de vagar pelo mundo, em
Ah! Mar (2007).**

"Meu pai me mostrou
uma fotografia dizendo
ser um retrato do mar.
Mas junto não veio o
vento, não chegou o
cheiro e menos ainda o
canto. Não podiam ser
o meu mar as águas
aprisionadas em
quadrado de papel.
Meu mar não tinha
margens e nem cabia
dentro de mim. Ele era
em liberdade, além do
horizonte, e não
suportava prisões."



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

Em Coração não toma sol
(1987), **Bartolomeu Campos
de Queirós** nos acena com a
esperança de um futuro
presente:

**“O sol era a estrela que o
castelo mais amava,
morrendo em montanhas
ou entremeado em nuvem.
[...]**

**E foi o sol o presente
escolhido pelo castelo para
oferecer ao coração, pelo
seu exercício.”**



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

“Natanael notou o silêncio do amigo e perguntou:

– Está doente, Edu?

– Sim. Estou cheio de mundo – falou. [...]

– Cheio de mundo, Edu?

– O mundo é grande e não cabe em mim – respondeu o menino.”

Bartolomeu Campos de Queirós.

Foi assim... (2008).

“Meu coração não é maior que o mundo.” – bem sabem os poetas.



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

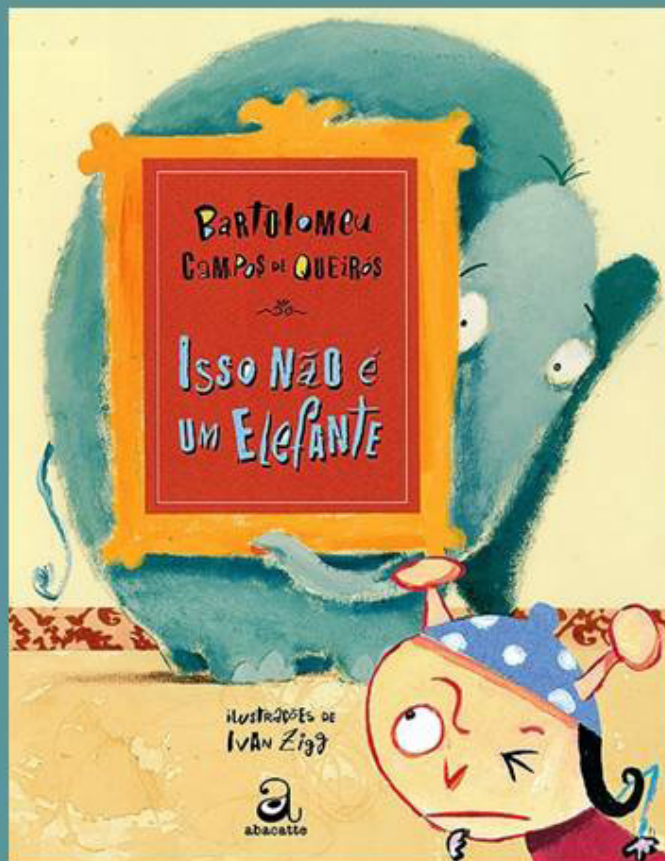
grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

“Você pode não acreditar,
mas isso não é um elefante.
É uma formiga vestida de
elefante.

É que certa vez no reino da
literatura, em que até o mais
absurdo é possível...”

Nesse reino, surgiu o “Dois
em Um [...], bicho tão raro
que só podemos vê-lo em
sonho ou escrito.”

Isso não é um elefante (2009)



Escrever é sonhar o possível e ancorá-lo no real.
Bartolomeu sempre soube disso, como sempre
acreditou na potência de ler e escrever.



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

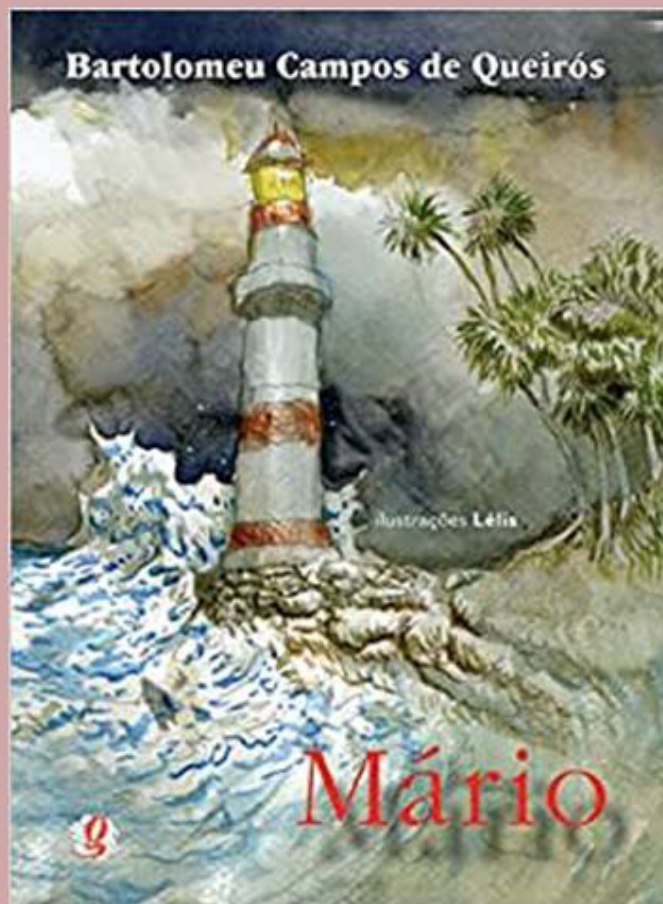
LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

“O pássaro

Foi a natureza que
explodiu a pérola.
No ninho, pedaços
brancos do envelope
confirmavam o milagre.
A notícia voou, cheia de
cor e canto.
E profundamente
libertada ganhou o azul.

E Mário, silenciosamente,
registrou a poesia.”



Em *Mário* (2009), Bartolomeu Campos de Queirós nos mostra que há poesia na eclosão da vida, como há vida na poesia.



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

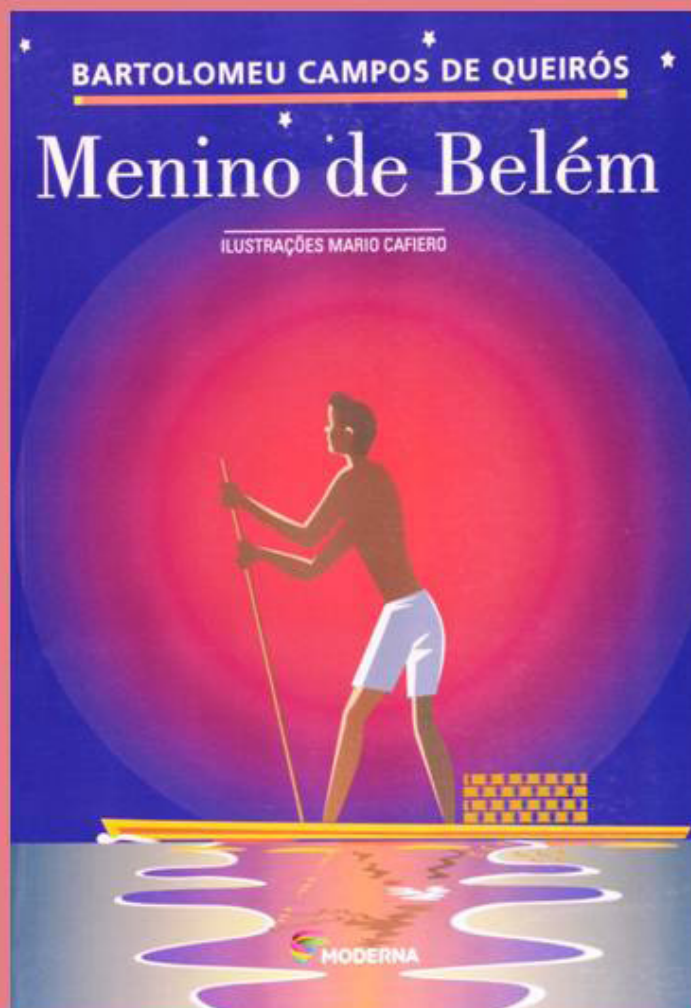
LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

“Ah! Menino de Belém
[...] Como desejo possuir
seu desmedo [...]”.

Bartolomeu Campos de
Queirós. ***Menino de
Belém*** (2003).

**Nascemos para
aprender... caminhando,
seguindo, evoluindo, nos
humanizando,
descobrimos o grandioso
na singeleza das
pequenas coisas,
buscando cultivar em nós
o amor por todas as
criaturas.**



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

"Por ter duas mãos, o menino ocupava as duas para os abraços. Sabia receber e doar cumprimentos. Recebia e oferecia presentes, estendendo as duas mãos. Dava adeuses e boas-vindas, com o coração na palma da mão. E, com as duas mãos abertas, o menino não recusava carregar o peso mais leve, nem a leveza mais pesada."

Menino inteiro (2008).

Desprendimento, generosidade, sabedoria, amorosidade – Bartolomeu bem sabia o segredo da inteireza.



Universidade
Federal
Fluminense

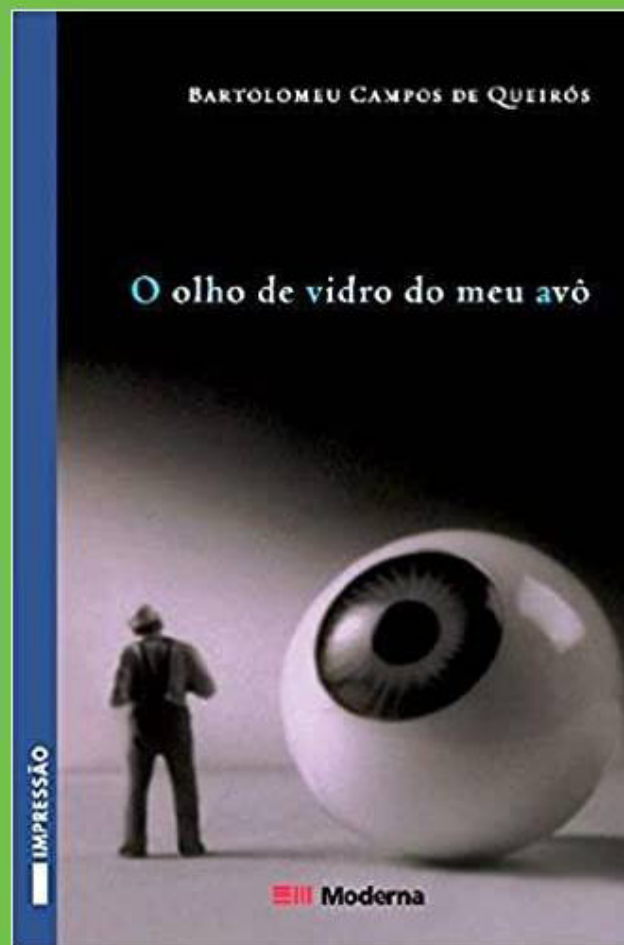
Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

Palavras que brotam no coração dão alento,
nutrem esperanças, curam, têm poder
transformador. **Bartolomeu** sabia disso.

"Uma casa sem palavras é
uma casa vazia. Palavra
povoa tudo. Corta o silêncio
e, aonde chega, fica. Se a
gente escreve, pode apagar,
mas, se falamos, fica
impossível recolher as
palavras. Palavra é como
borboleta, bate as asas e
voa. Palavra não nasce em
árvore, ela brota no
coração." *O olho de vidro do
meu avô* (2004).



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

“Com que sonha a ave
que dorme dentro do ovo?
- Sonha com voo e música
sonha com vento e céu azul.

Canta canta, canta breve
com trinados sem perguntas.
Voa voa, voa leve,
Faz das asas a liberdade.”



Bartolomeu Campos de Queirós

Em tempos de isolamento social, também sonhamos com
vento e céu azul, ansiando por mais liberdade, como a ave
do poema *O ovo e o anjo* (2009).



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

Le Lis

grupo de pesquisa

leitura, literatura e saúde



Na expectativa de um convívio,
Bartolomeu Campos de Queirós em
Para ler em silêncio (2007) convida-nos
a gestar um tempo novo em
pensamentos, palavras e ações:

“ [...] somos um verbo encarnado. E como o verbo, a vida se constrói em três tempos: passado, futuro e presente. Mas todo verbo exige um sujeito. Daí nossa condição de não se sujeitar às aparências das coisas e buscar sabê-las mais. [...] não temos acesso ao futuro nem ao passado a não ser recorrendo à fantasia [...] E para dar sentido a esse fio único da existência, que vai do nascimento à morte, é preciso reconhecer a fantasia como singular tesouro. Ela nos faz suportar tanto os seculares passados como o suspeito tempo que há de vir.”

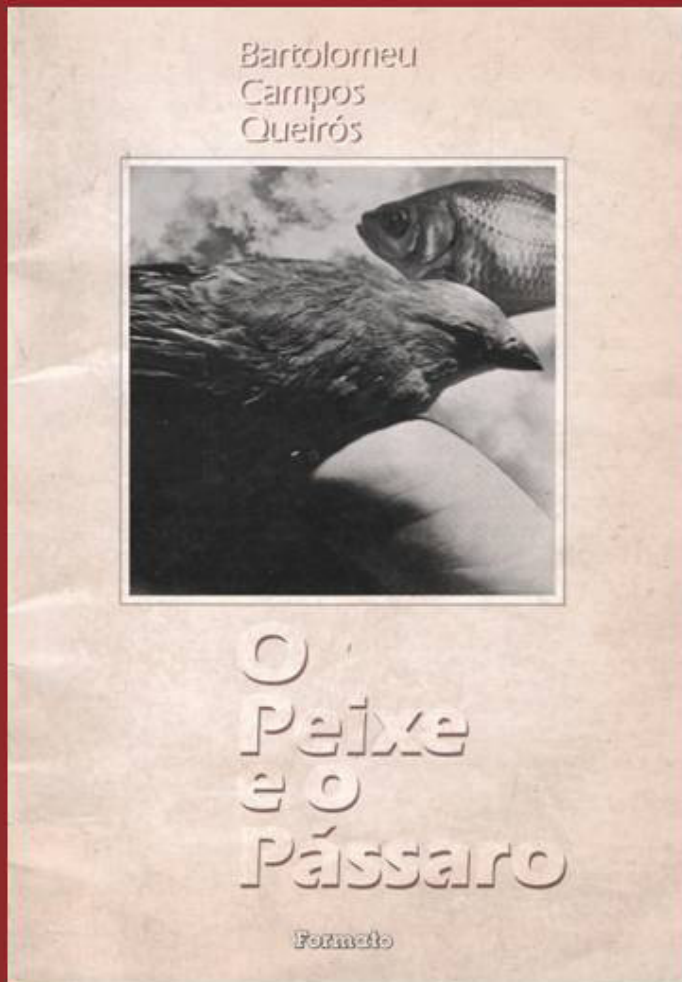


Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde



A existência é o lugar de
todas as possibilidades,
até daquelas que se
mostram as mais
improváveis.

“A PAISAGEM

**Basta existir uma vida,
qualquer espécie de vida,
para que exista o
impossível.”**

**Bartolomeu Campos de
Queiros. *O peixe e o
pássaro* (1991).**



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

Superação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde



"Não conheço, além do imenso tempo, nada que tenha existido para sempre. Até o silêncio passa."

Em *Até passarinho passa* (2003), **Bartolomeu** nos leva a enfrentar a inevitabilidade "das partidas, das perdas, dos desencontros e da brevidade da vida".

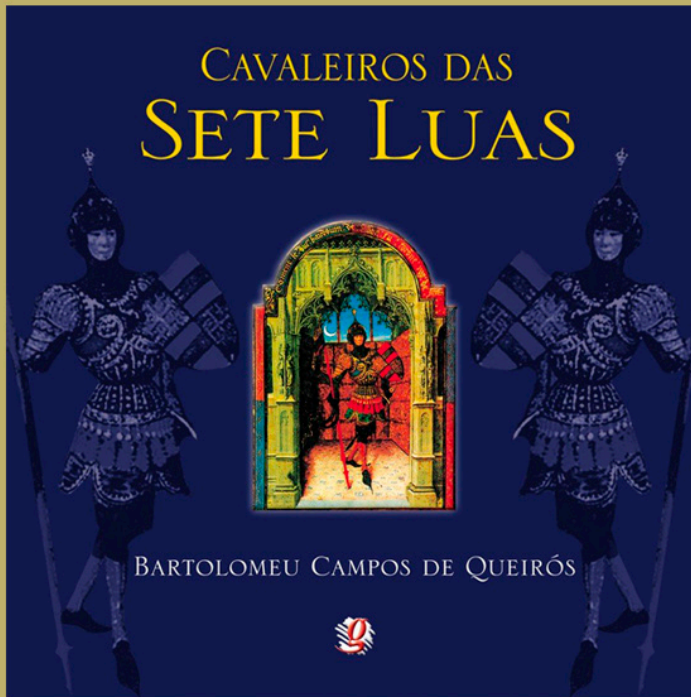


Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLis
grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

Nos vimos doentes, os corpos físicos isolados.
Mas em *Cavaleiros das Sete Luas* (2004),
Bartolomeu Campos de Queirós vaticina que,
breve, estaremos de novo em convívio:



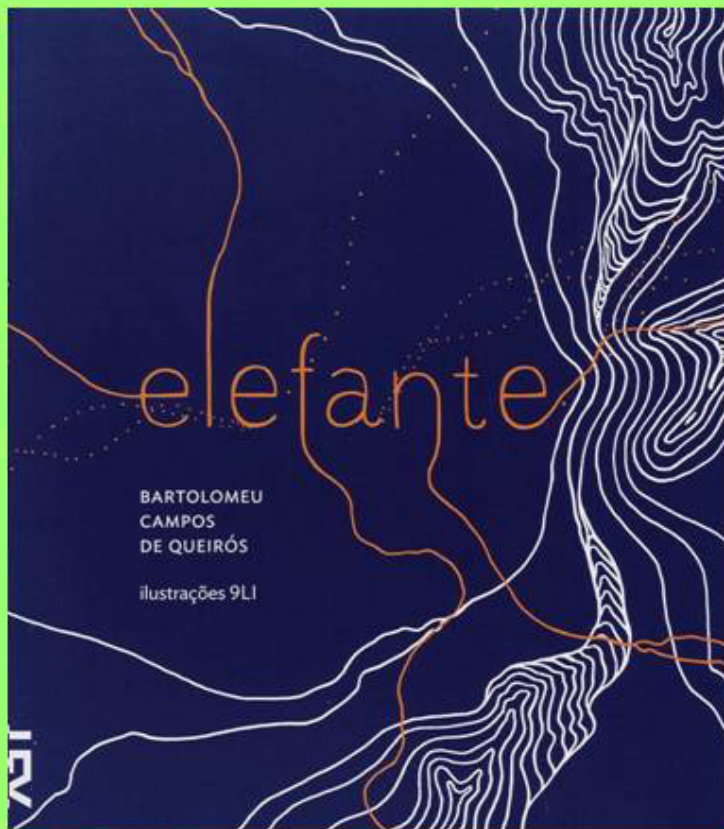
"Ele virá - estou certa -
em tempo já pressentido
galopando ave branca
leveza por sobre névoa.
Espantará a tristeza:
ele virá - estou certa."

uff Universidade
Federal
Fluminense
Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

Bartolomeu Campos de Queirós sabe que o sonho pode ser o espaço da liberdade, tão necessário à renovação da esperança e da coragem para voos mais altos.



“Eu sabia que tudo era sonho, mas não queria acordar. Busquei me proteger debaixo da asa da liberdade para não interromper a história que vivia sem escolher. É preciso se aninhar na liberdade para ganhar coragem e voar.”

Elefante (2013).



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde



“O mundo, muito sempre, nos
incomoda, nos pergunta, nos
naufrega. Nem sempre ele é
como desejamos. [...] O psicólogo
nos convida, entretanto, a
dialogar com nossas dúvidas e
enfrentar nossos embarços. [...]

A palavra desafia a dor.”

Bartolomeu Campos de Queirós.
Entretantos (2004).

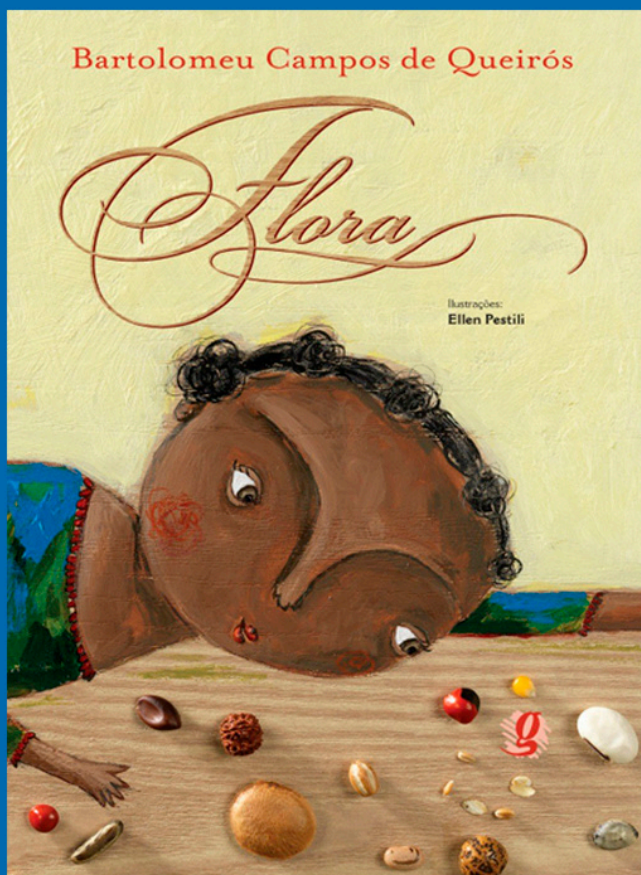
Senões, portantos, poréns.
Limites, cortes, desventura.
Então vêm eles, os *entretantos*,
e abrem vias de ventura.



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

Acordamos doentes. Em *Flora* (2004), a
sabedoria de Bartolomeu Campos de Queirós
nos brinda convicções.



“É preciso prezar a
coragem das sementes.
Apodrecer para colher
os frutos. [...]
Não só as sementes,
mas todas as coisas,
para florir em primavera,
necessitam apodrecer. [...]
Só existe uma jovem manhã
depois de uma antiga noite.”

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde



Com o menino protagonista de *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (2004), Bartolomeu nos mostra os segredos de uma boa semeadura, tão necessária nestes tempos difíceis.

“Com cuidado eu deixava cair os grãos, dois a dois, grávidos de futuro para bem resguardá-los da solidão. Cobria de terra, de mansinho, para não sufocar o destino das sementes.”

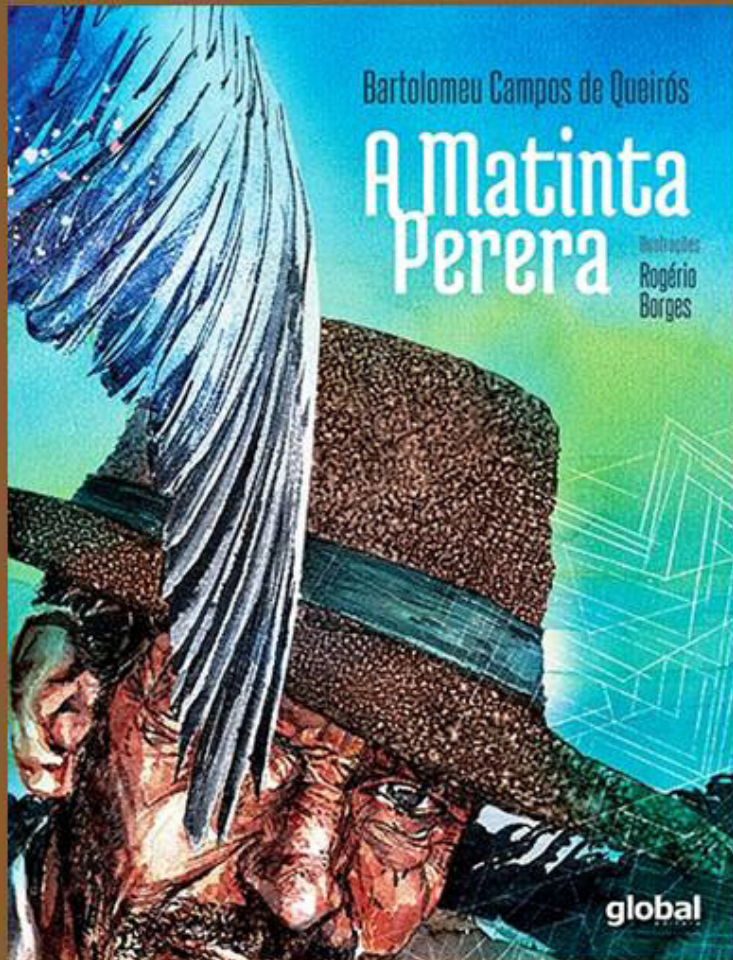


Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde



“Há coisas que só o medo pode ver e a razão tem medo de abrir os olhos [...]”
Bartolomeu Campos de Queirós. *A Matinta Perera* (2019).

Em tempos de medos, tantos, a literatura e a arte apontam caminhos, oferecem escudos para que a realidade não nos petrifique.



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

Lelis
grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

Estamos doentes.
O grande poeta **Bartolomeu Campos Queirós** nos traz
receitas de cura, em
Minerações (1991).



“HÁ QUE SE APREENDER do rio o ritmo. [...]
HÁ QUE SE EXISTIR sem sede como a chuva. [...]
HÁ QUE SE SER FRÁGIL o suficiente e reconhecer-se inábil
para inferir emendas na lei que equilibra as águas. [...]
HÁ QUE SE VICEJAR como fazem as florestas. [...]
Como as árvores há que se receber a gota do orvalho sem se
molhar, preservando o extrato da noite.”

LeLis

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

Ficamos doentes. Pensamos no que o grande escritor **Bartolomeu Campos de Queirós** teria a nos dizer, neste momento de consciência e aflição. Encontramos ajuda em *Tempo de voo* (2009).



Para sarar é preciso tempo e ação.

“O coração do tempo traz o amor e não o medo.[...]”

O tempo tem seus caprichos.”

E guarda aninhado um saboroso presente: a saúde, equilibrada por todos e cada um como harmoniosa torre de cubos.

uff Universidade
Federal
Fluminense

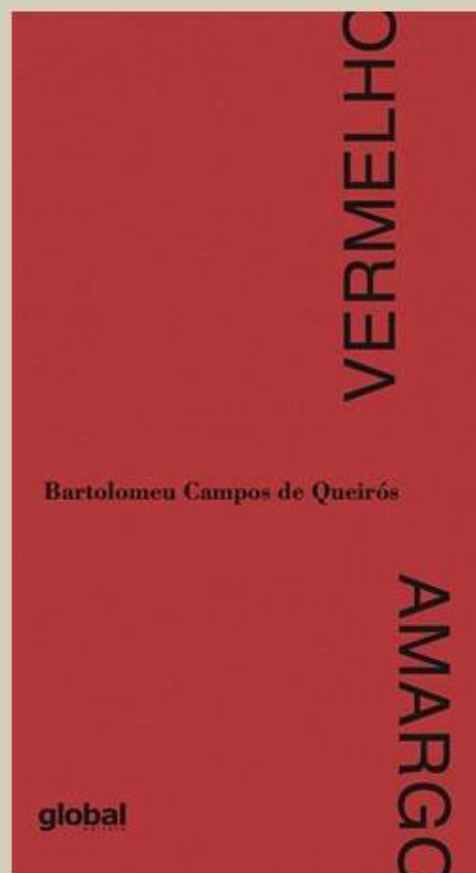
Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

**Em *Vermelho amargo* (2017),
Bartolomeu Campos de Queirós nos fala
da dor imemorial, incontornável, que
transcende a vontade.**

“Dói. Dói muito. Dói pelo corpo inteiro. Principia nas unhas, passa pelos cabelo, contagia ossos, penaliza a memória e se estende pela altura da pele. Nada fica sem dor. Também os olhos, que só armazenam as imagens do que já fora, doem. A dor vem de afastadas distâncias, sepultados tempos, inconvenientes lugares, inseguros futuros. Não se chora pelo amanhã. Só se salga a carne morta.”



Universidade
Federal
Fluminense

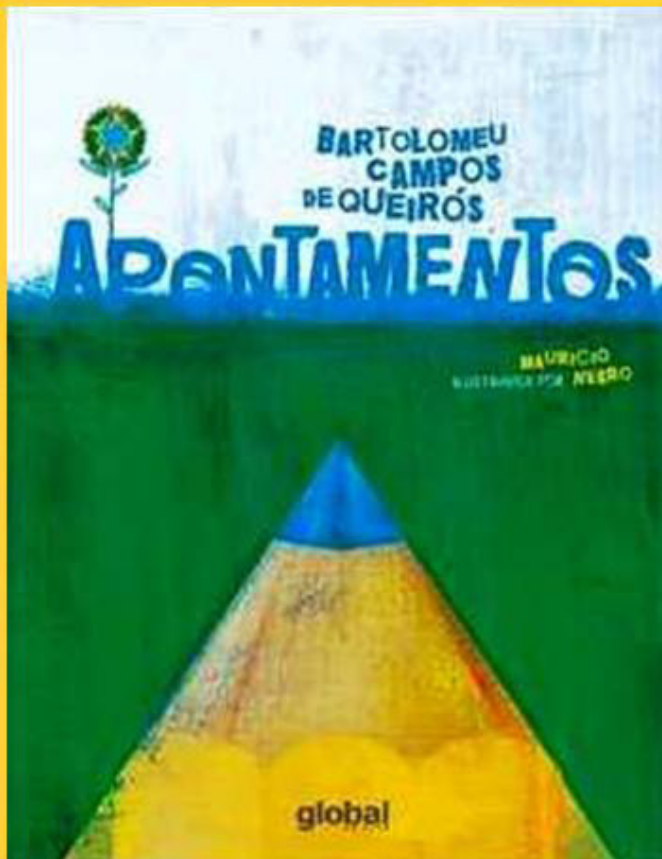
Faculdade de
Educação

Consciência política

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

Nossa Carta Magna, seriamente ameaçada nos últimos tempos, é a máxima expressão do “nosso desejo de ser em democracia”, como nos ensina Bartolomeu em *Apontamentos* (2017).



“Como falou de trabalho, educação e justiça, a CARTA também se ocupou do bem-estar e saúde. E manda outras notícias que não cabem na memória: [...] fim da censura, licença maternidade. Fala de juro, racismo, índios e sua cultura, em reserva de mercado, em papel do professor.

Mas tudo o que a CARTA diz é em resposta ao nosso desejo de ser em democracia.”



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

Em tempos de mentiras e negacionismos – nega-se a pandemia, o poder de contágio do coronavírus, a violência contra mulheres, crianças, negros e indígenas, os incontáveis abusos de poder – é preciso despertar, em cada ser, o humano adormecido.



Assim, Lucas escreveu a Sara:

**“Procurei dentro de mim alguma palavra dormindo. Só encontrei uma: Igualdade. Ela nos permite viver as diferenças.”
Bartolomeu Campos de Queirós. *Correspondência* (1986).**



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

“Como uma fila de pequenas formigas buscando o açúcar, também as palavras trazem chaves. Destrançam destino, abrem história, libertam direções. E mais, fazem brotar a primavera mesmo se o tempo é de inverno.”

O livro de Ana (2009).

Bartolomeu confiou à sua produção literária o sentimento e a possibilidade da justiça. Sant’Ana vai ensinar à Maria a ação das palavras na construção da justiça, confiança de primavera em tempo de inverno.

ENTRE O ADEUS DO SOL E O BOA-NOITE DA LUA, ANA SE ASSENTAVA COM O LIVRO ABERTO SOBRE OS JOELHOS. NESTA HORA, UM SOSSEGO MORA NO CÉU E VISITA A VIDA. NÃO HÁ TRISTEZA. ANJOS VOAM ACENDENDO ESTRELAS. SÓ O SILÊNCIO VÊ. E ELES CANTAM. A CANÇÃO É LEVE, ACOMPANHADA DE FLAUTA, VIOLINÓ E CÍTARA. SÓ O CORAÇÃO ESCUTA. MAS ANA. POR RESPIRAR A EMOÇÃO DA LEITURA, TUDO VIA E TUDO ESCUTAVA. AO LER, TAMBÉM SE VÊ E SE ESCUTA.



Bartolomeu Campos de Queirós



Universidade
Federal
Fluminense

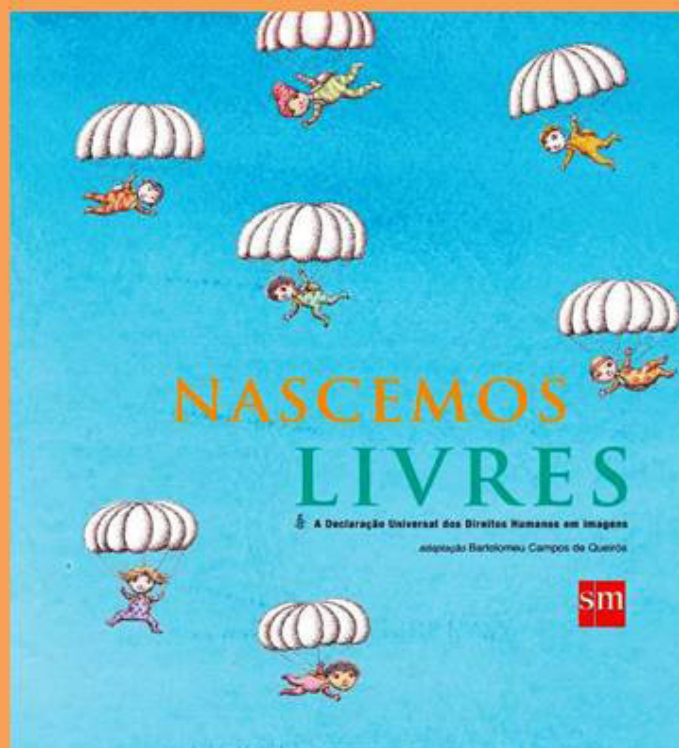
Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

**“Ninguém pode nos roubar o que a vida nos presenteou.
Nossos Direitos são também os Direitos dos outros.”**

Esse é o artigo 30, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em versão simplificada pela Anistia Internacional e adaptação de Bartolomeu Campos de Queirós em *Nascemos livres* (2008).



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde



Em Sem palmeira ou sabiá (2018), Bartolomeu Campos de Queirós aponta os efeitos do progresso em pequena cidade. Desalento.

“As portas ganharam olho mágico por suspeita de assaltos. Alarmes foram instalados. [...] A preguiça passou a repousar dentro de casa diante da televisão, espiando o que ainda falta para comprar. [...] não tem crianças alegres brincando de roda nas tardes, cadeiras nas portas. Agora são meninos de rua, revirando o lixo. As residências parecem dormir de medo, eternamente.”



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde



Em Sobre ler, escrever e outros diálogos (2019), organizado por Júlio de Abreu, temos acesso a reflexões de Bartolomeu Campos de Queirós sobre temas que sempre lhe foram caros.

“O que sei não me basta ou satisfaz. Isso por acreditar, com convicção, que o mundo só muda quando acrescentamos a ele o nosso poder de reinventar a vida com seus tantos significantes.”



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

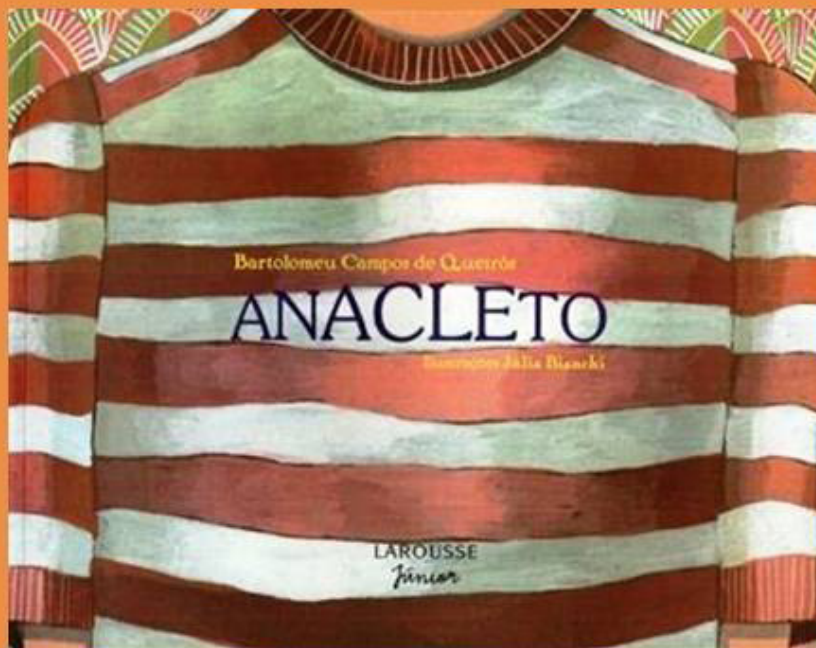
Lúdico

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

**“O rato se chama Donato
e tem pavor de gato
com vinte garras.
Ele gosta é do pato
Que tem mil penas.”**

Bartolomeu Campos de Queirós. *Anacleto* (2008).



**No gato a garra,
no pato a pena.
Na noite, doença,
no dia, saúde.
Sábio Bartolomeu:
sabe que a vida,
como gangorra,
balança entre
áspero e macio.**

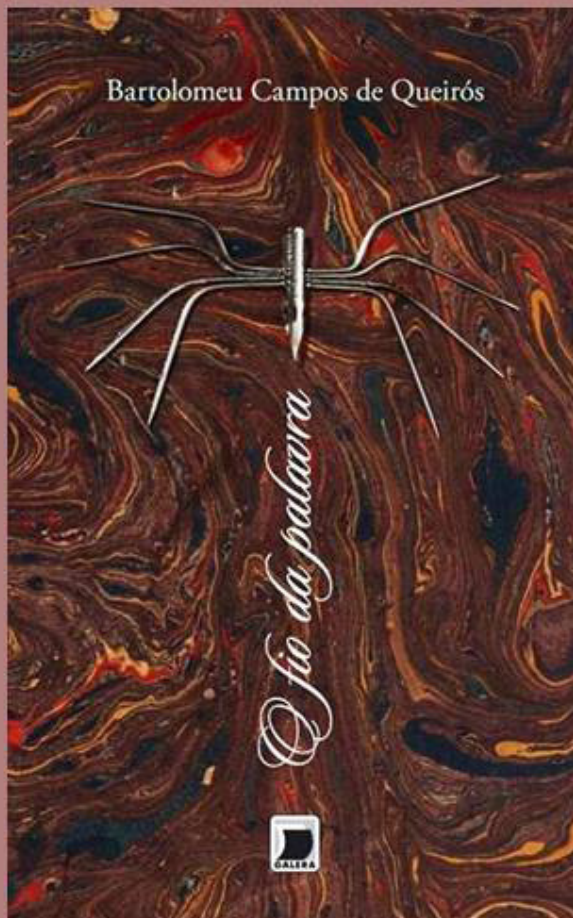


Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde



“Quem sabe, para ocupar a sua tenda vazia, minha aranha convidará os ciganos? Então, eles chegarão, com seu ouro, sua dança, suas mãos cheias de truncadas linhas (...) trazendo palavras e destinos, revelando amores, fortunas e viagens para todos os ares.”

O fio da palavra (2012)

Bartolomeu Campos de Queirós **convoca a aranha, a aranha convoca os ciganos. Nas mãos dos ciganos, as escritas estamparão saúde.**



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

Em tempos de quarentena, as crianças estão em casa. Em *Indez* (1994), Bartolomeu Campos Queirós dá pistas da importância da brincadeira em família, fonte de prazer e aprendizado:



“Com a mãe, os filhos aprenderam a brincar. Ela fazia tudo ficar mais alegre. Se era longa a distância, ela brincava de contar as estacas da cerca, de correr atrás da sombra, de pular carniça, de andar no ritmo dos escravos de Jó. Brincar encurta caminho, dizia ela.”

uff Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde



Em *Sei por ouvir dizer* (2007), o narrador protagonista criado por Bartolomeu parece ter descoberto a fórmula da vida eterna. A literatura pode tudo, até eternizar a vida.

“Pensei bastante e concluí: quem possui três pares de óculos não morre nunca. Todas as vezes que a morte se aproxima, é só usar os óculos de ver o perto e afastar sua presença. E se falta vida, basta usar os óculos de ver o longe que a vida vem viver perto.”



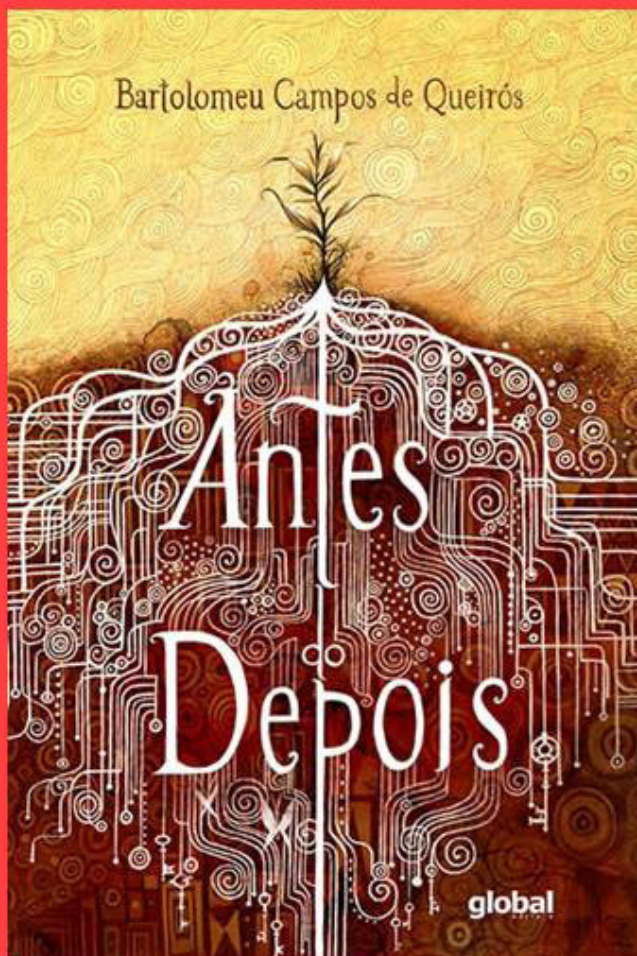
Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

Rotina

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde



**O escuro guarda anúncio
de luz. Descoberta
cotidiana, encontrada por
Bartolomeu Campos de
Queirós no fundo de uma
lata, debaixo da goteira.**

“Uma lata no meio do
corredor da minha casa
amparava uma velha
goteira. Quando era dia de
sol, um raio fino passava
pelo mesmo buraquinho e
gotejava luz no assoalho.
Luz não respeita escuros.
Onde tem escuro tem
luz.” **Antes do depois
(2018)**



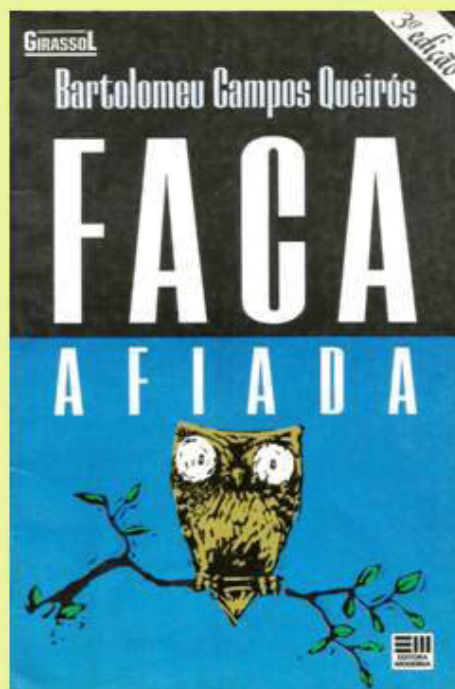
Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

Bartolomeu Campos Queirós, em *Faca Afiada* (1991), sugere que o sono reparador é o que nos proporciona o indispensável despertar.



“Sem quebrar o costume todos se recolham para as camas na hora de sempre. Pareciam não duvidar de que existe um momento certo em que temos que presentear a vida com o sono. Dormir é esquecer, temporariamente, de tudo. Dormir é descansar, é tomar fôlego.”



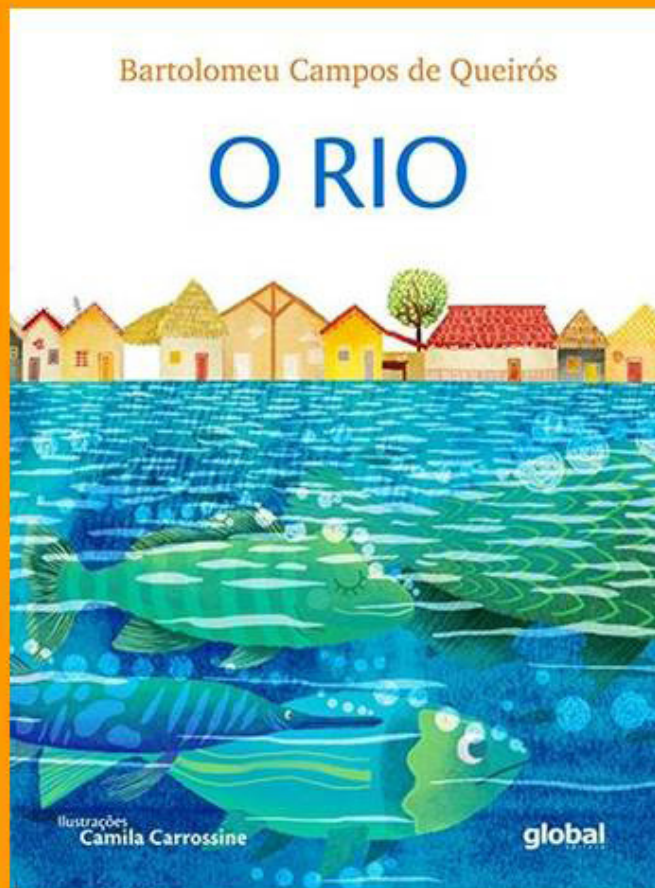
Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e
saúde

O rio gera e acolhe muitas vidas, nele e
ao seu redor. Suas águas abrigam,
limpam, regeneram, renovam.
Precisamos aprender a ser rio.



“Por vezes, ao longo do
seu leito, o rio acolhe
lavadeiras. Alvejando
panos entre espuma e
cristal, as mulheres
cantam. É uma canção de
amor ao rio saindo de um
coração lavado, mais claro
que as madrugadas de
maio. Elas esfregam os
tecidos sobre as pedras,
desbotando as manchas
do trabalho.”
Bartolomeu Campos de
Queirós. *O rio* (2019).



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

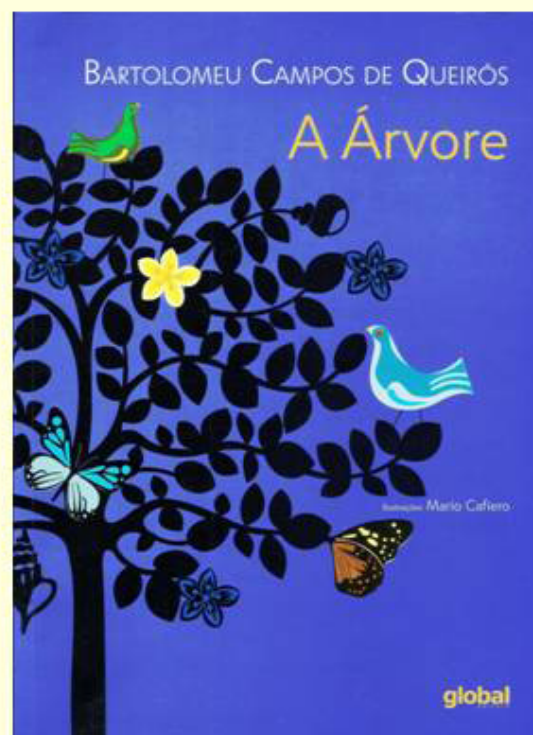
Contemplação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

Nestes tempos, estamos em casa, mas nos transportamos para o mundo exterior, assim como o lírico narrador protagonista de **Bartolomeu Campos de Queirós** em **A Árvore** (2018):

“Eu me debruço na janela de minha casa e fico dentro da minha árvore. Meus olhos passeiam pelas marés das folhas, entre ruelas, travessas e ruas tortas de galhos. Às vezes, a brisa varre mais forte e as ruas ficam dignas. Quando cai a chuva, lavando até o vazio, minha árvore suporta muitas gotas de cristais nas folhas.”



Universidade
Federal
Fluminense

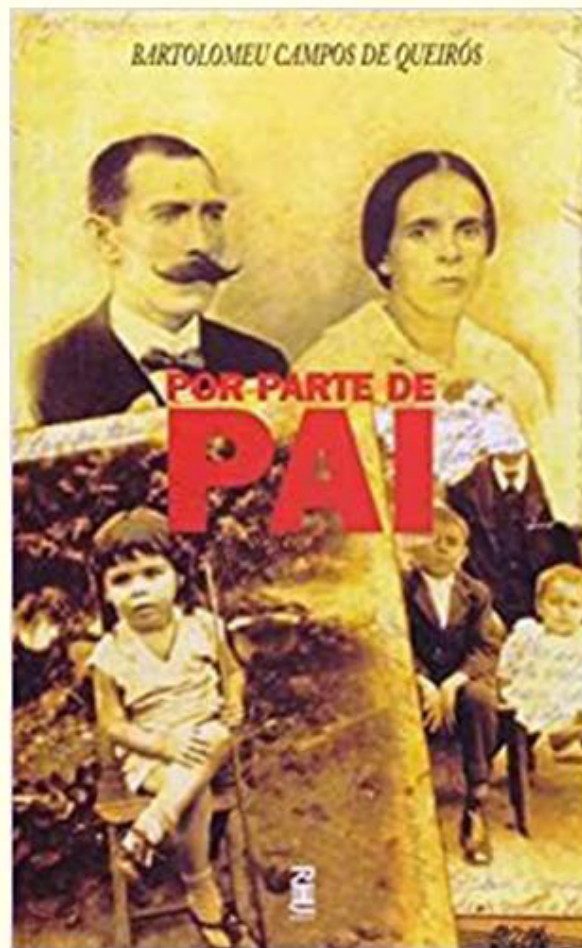
Faculdade de
Educação

LeLiS

grupo de pesquisa
leitura, literatura e saúde

**Em *Por parte de pai* (1995),
vislumbramos meios de se
espantar a tristeza...**

“Usava todas as janelas da casa, apreciando os quatro cantos do mundo, sempre surpreso, descobrindo uma nova cor, um novo vento, uma nova lembrança. Havia tanto mundo para ver, dava até preguiça [...]”
Bartolomeu Campos de Queirós



Universidade
Federal
Fluminense

Faculdade de
Educação

Referências dos posts

- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *A Matinta Perera*. 2. ed. Ilustrações de Rogério Borges. São Paulo: Global, 2019.
- _____. *O rio*. Ilustrações de Camila Carrossine. 2. ed. São Paulo: Global, 2019.
- _____. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Organização de Júlio Abreu. 2. ed. São Paulo: Global, 2019.
- _____. *Antes do depois*. 2. ed. São Paulo: Global, 2018.
- _____. *A árvore*. Ilustrações de Mario Cafiero. 4. ed. São Paulo: Global, 2018.
- _____. *Sem palmeira ou sabiá*. Ilustrações de Lélis. 2. ed. São Paulo: Global, 2018.
- _____. *Apontamentos*. Ilustrações de Mauricio Negro. 2. ed. São Paulo: Global, 2017.
- _____. *Vermelho amargo*. São Paulo: Global, 2017.
- _____. *Elefante*. Ilustrações de 9LI. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- _____. *O fio da palavra*. Ilustrações de Salmo Dansa. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- _____. *Isso não é um elefante*. Ilustrações de Ivan Zigg. Belo Horizonte: Abacatte, 2009.
- _____. *O livro de Ana*. Ilustrações de Marconi Drummond. São Paulo: Global, 2009.
- _____. *Mário*. Ilustrações de Lélis. 3. ed. São Paulo: Global, 2009.
- _____. *O ovo e o anjo*. Ilustrações de Lélis. 2. ed. renovada. São Paulo: Global, 2009.
- _____. *Tempo de voo*. Ilustrações de Alfonso Ruano. São Paulo: Edições SM, 2009.
- _____. *Anacleto*. Ilustrações de Júlia Bianchi. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.
- _____. *Foi assim...* Ilustrações de Sandra Bianchi. São Paulo: Moderna, 2008.

- _____. *Menino inteiro*. Ilustrações de Walter Ono. São Paulo: Global, 2008.
- _____. (Adapt.). *Nascemos livres: a Declaração Universal dos Direitos Humanos em imagens*. Edição e Tradução de Claudia Ribeiro Mesquita. Ilustrações de John Burningham et al. São Paulo: Edições SM, 2008.
- _____. *Ah! Mar*. Ilustrações de André Neves. Belo Horizonte: RHJ, 2007.
- _____. *Para ler em silêncio*. São Paulo: Moderna, 2007.
- _____. *Sei por ouvir dizer*. Ilustrações de Suppa. Porto Alegre: Edelbra, 2007.
- _____. *Cavaleiros das sete luas*. Ilustrações de Paulo Bernardo Vaz. São Paulo: Global, 2004.
- _____. *Entretantos*. Belo Horizonte: Editora do Autor, 2004.
- _____. *Flora*. Ilustrações de Ellen Pestilli. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.
- _____. *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. 6. ed. São Paulo: Global, 2004.
- _____. *O olho de vidro do meu avô*. São Paulo: Moderna, 2004.
- _____. *Até passarinho passa*. Ilustrações de Elisabeth Teixeira. São Paulo: Moderna, 2003.
- _____. *Menino de Belém*. Ilustrações de Mario Cafiero. São Paulo: Moderna, 2003.
- _____. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995.
- _____. *Indez*. 4. ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1994.
- _____. *Faca afiada*. Ilustrações de Mario Cafiero. São Paulo: Moderna, 1991.
- _____. *Minerações*. Ilustrações de Paulo Bernardo Vaz. Belo Horizonte: RHJ, 1991.
- _____. *O peixe e o pássaro*. Fotografias de Haroldo Carneiro. Ed. renovada. Belo Horizonte: Formato, 1991.
- _____. *Coração não toma sol*. Ilustrações de Mario Cafiero. 2. ed. São Paulo: FTD, 1987.
- _____. *Correspondência*. Ilustrações de Angela Lago. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais; Miguilim, 1986.

Biografias dos ilustradores

9LI – Elefante

Bruno Novelli, ou 9LI, nasceu em Porto Alegre (RS), mas mora e trabalha em São Paulo. Formado em Design Gráfico, começou fazendo arte de rua. Participou de exposições nacionais e internacionais, individuais e coletivas, entre elas, *Materia Radiante*, na David B. Smith Gallery, em Denver (Colorado), e *Muito sol na cachoeira*, na Zipper Galeria, em São Paulo, em 2018. Entre suas obras encontram-se projetos em colaboração com marcas de moda, como Forum (coleção outono/inverno 2020), Adidas, Nike (2014) e Ellus (2009), assim como projetos gráficos para capas de álbuns, como para o duo de hip-hop norte-americano Knifefight, de 2013.

Alfonso Ruano – Tempo de voo

Nasceu em Toledo, Espanha, em 1949. Estudou pintura na Real Academia de Belas-Artes de São Fernando de Madri. Começou a trabalhar nas Edições SM em 1976, onde, inclusive, atuou como diretor de arte. Publicou mais de vinte livros para crianças e recebeu vários prêmios pelo seu trabalho, entre eles o Prêmio de Bolonha, com o livro *El Señor Viento Norte*. Em 1990, seu livro *Zapatos* figurou na Lista de Honra do IBBY.

André Neves – Ah! Mar

Nasceu em Recife (PE), mas mora e trabalha em Porto Alegre (RS). Formado em Relações Públicas, começou a estudar Artes Plásticas em 1995. Passou a desenvolver atividades relacionadas à literatura infantil e juvenil, como palestras e oficinas. Em 2002, participou da mostra internacional de ilustração infantil *La Immagini Della Fantasia*. Escreve e ilustra suas próprias obras, como os livros *Sebastiana e Severina* (2002) e *Manu e Mila* (2018), além de ilustrar para outros autores. Recebeu da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) vários selos de “Altamente Recomendável”, além de vários Prêmios, o último deles o de Melhor Ilustração *Hors Concours* com o livro *O colecionador de chuvas* (2019). Foi vencedor do Prêmio Jabuti, em 2011, na categoria Infantil e, em 2013, na categoria Ilustração de Livro Infantil e Juvenil.

Angela-Lago – Correspondência

A escritora e ilustradora nasceu em Belo Horizonte (MG) em 1945 e faleceu nessa mesma cidade em 2017. Formou-se na Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais e frequentou o *atelier* do escultor Bitter. Lecionou na Escola de Serviço Social e trabalhou como assistente no Instituto Psicopedagógico com crianças. Abriu seu próprio *atelier* de programação visual para publicidade em 1975, dedicando-se a escrever e ilustrar para crianças a partir de 1980. Com dezenas de livros publicados, Angela-Lago ilustrou tanto obras próprias, como *João Felizardo, o rei dos negócios* (2006) e *Marginal à esquerda* (2009), quanto de outros autores nacionais e estrangeiros. Recebeu da FNLIJ vários selos de “Altamente Recomendável”, além de muitos prêmios, o último deles o de Melhor Ilustração *Hors Concours* e Reconto *Hors Concours* com o livro *Psiquê* (2010). Também recebeu vários prêmios Jabuti, além do Octogone de Ardoise 1994-1995 (França) e o da Bienal de Ilustração de Bratislava (BIB), na Eslováquia.

Camila Carrossine – O rio

Nascida em São Paulo, em 1981, estudou Belas-Artes e Direção de Arte. Atua tanto como ilustradora de livros para crianças e jovens quanto como diretora e roteirista de animações. Em 2008, sua animação *Maria Flor* foi selecionada para o Anima Mundi. Entre muitos outros livros, ilustrou *Guita no jardim*, de Walmir Ayala, e *Você viu? Ouviu?*, de Sylvia Orthof.

Elisabeth Teixeira – Até passarinho passa

Formada em Desenho Industrial pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ), a ilustradora atua desde 1990 na criação de projetos gráficos e de ilustrações para livros infantis. Suas ilustrações figuram em mais de 120 títulos, alguns deles premiados. Em 2009, escreveu e ilustrou seu primeiro livro, *Os três cães negros*. Participou de mostras nacionais e internacionais de ilustração para crianças, como a Bienal de Ilustração de Bratislava (BIB), na Eslováquia (1997), e a Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, na Itália (2014). Recebeu por três vezes o Prêmio Jabuti de ilustração infantil e também o Prêmio FNLIJ nas categorias Criança e Informativo. Da FNLIJ também recebeu alguns selos de “Altamente Recomendável”.

Ellen Pestili – *Flora*

Nascida em Quiririm, no estado de São Paulo, a escritora, ilustradora e artista plástica estudou na Escola de Belas Artes Saint-Hyacinthe, em Saint-Thomas d’Aquim, Quebec, Canadá. Ainda em Quebec, foi professora de desenho para crianças e adolescentes. Atualmente, mora nos Estados Unidos. Autora e ilustradora de vários livros, entre eles *Alma de rio* (2008) e *A herança* (2014), ilustrou mais de cinquenta livros de diversos autores. Como artista plástica participou de exposições coletivas e individuais.

Haroldo Carneiro – *O peixe e o pássaro*

Além de fotógrafo, Haroldo Carneiro é engenheiro, economista e planejador regional. Obteve vários prêmios na área de fotografia e atualmente produz fotos relacionadas ao turismo no estado de Minas Gerais, disponibilizadas no portal <www.descubraminas.com.br>.

Ivan Zigg – *Isso não é um elefante*

Nascido no Rio de Janeiro, em 1959, o artista múltiplo, compositor e cantor trabalhou em teatro e já ilustrou mais de noventa livros infantis. Sua obra – que inclui livros como *Pipoca e Guaraná* (1995) e *Quando os tam-tans fazem tum-tum* (1999), ambos com histórias contadas somente por meio de imagens, além de *O Livro do Rex* (2013) e *Todos os meus sonhos* (2014) – recebeu alguns selos de “Altamente Recomendável” da FNLIJ. Participou de diversas exposições internacionais como as de Bolonha, Catalunha e Bratislava, e recebeu em 2004 o Prêmio Jabuti de Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil.

Júlia Bianchi – *Anacleto*

Nascida em Belo Horizonte, filha dos artistas Sandra Bianchi e Mário Zavagli, formou-se em Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Produzindo desde cedo ilustrações para o mercado editorial, a artista se dedica ainda ao design de estampas para algumas marcas de moda, além de criar para sua própria marca que comercializa lenços e echarpes. Segundo a artista, foi a partir de suas ilustrações para o livro *Anacleto* que ela decidiu explorar mais o design de estampas. Ela ilustrou outro livro do escritor: *ABC... até Z!*. Além disso, participou de exposições de arte, como *Olhares múltiplos sobre várias cidades*, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), em 2014, e ilustrou livros de outros autores.

Lélis – *Sem palmeira ou sabiá, Mário, O ovo e o anjo*

Nascido em Montes Claros (MG), em 1967, trabalhou como ilustrador em todos os jornais de sua cidade natal e para o jornal *Estado de Minas*, em Belo Horizonte. Atualmente trabalha na *Folha de S. Paulo*. Foi premiado no Salão Internacional do Humor de Piracicaba, no Salão Carioca de Humor, na Bienal Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte, no Festival Internacional de Humor e Quadrinhos de Pernambuco, no Salão de Desenho para a Imprensa de Porto Alegre, entre outros, e recebeu três troféus HQMix. Ilustrou livros de Bartolomeu Campos de Queirós e de vários outros escritores. Com texto e ilustração de sua autoria, destacam-se os livros-álbum de quadrinhos *Saino a percurá – ôtra vez* (2011) e *Anuí* (2017).

Marconi Drummond – *O livro de Ana*

O artista visual, curador, designer e professor, nascido em Itabira (MG), em 1964, possui graduação e mestrado em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG). Entre 2004 e 2006, ocupou o cargo de diretor da Escola de Arte Rodrigo Mello Franco de Andrade da Fundação de Arte de Ouro Preto (EARMFA/FAOP). Ainda em 2006, tornou-se curador do Museu de Arte da Pampulha (MAP), em Belo Horizonte. Foi superintendente da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, em Itabira, e é sócio-diretor da Cápsula Cultura, agência dedicada ao desenvolvimento de projetos culturais, curatoriais e de design. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Prêmio Jabuti (2009) de Melhor Projeto Gráfico com a obra *Fazendas mineiras*.

Mario Cafiero – *A árvore, Coração não toma sol, Faca afiada*

Nascido em São Paulo, em 1951, trabalhou como diagramador e ilustrador até ocupar o cargo de diretor de arte de revistas na Editora Abril, na década de 1970, e de livros na editora Ática, entre 1977 e 1982. Nesta última, foi responsável pela ilustração da coleção *Para gostar de ler* e de vários livros da série *Vaga-lume*, assim como pela renovação visual dos livros didáticos da editora, entre outros projetos. Participou de exposições no Brasil e no exterior, incluindo a Exposição de Ilustradores em Bratislava, em 1975, com o livro *João Teimoso*, de Luiz Raul Machado, e a Bienal de São Paulo em 1976. Ao longo de cinquenta anos de carreira, participou de vários projetos para jornais, revistas, livros, catálogos de moda, teatro e televisão. Hoje dedica-se integralmente às artes plásticas.

Mauricio Negro – Apontamentos

O ilustrador, escritor e designer gráfico nasceu em São Paulo, em 1968. Escreveu e ilustrou os livros *Gente de cor, cor de gente* (2017), *Quem não gosta de fruta é xarope* (2006), *Zum Zum Zum* (2004), entre outros. Ilustrou mais de uma centena de obras de autores nacionais e estrangeiros. É conselheiro da Sociedade dos Ilustradores do Brasil (SIB), filiado à Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ) e coordenador editorial da Coleção Muiraquitãs (Global Editora), que reúne obras de autores indígenas. Participou de exposições de ilustração no Brasil e no exterior. Recebeu menção honrosa no XV Salão Internacional de Desenho para Imprensa, em Porto Alegre, além de ter livros selecionados para o catálogo brasileiro da Feira do Livro Infantil e Juvenil, em Bolonha, na Itália, em diferentes anos.

Paulo Bernardo Vaz – Minerações, Cavaleiros das sete luas

Nascido em 1949, formou-se em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em 1974, defendeu o Mestrado em Editoração e Audiovisual em 1980, o Doutorado em Comunicação e Educação, pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), em 1983, e o Pós-Doutorado pela Universidade do Minho em 2010. Aposentado como Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais, é colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG (Mestrado e Doutorado). Desenvolve pesquisas sobre design gráfico, fotojornalismo, imagem, tipografia e publicidade na mídia impressa. Organizou o livro *Narrativas fotográficas* (2006) e participou do livro *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver* (2002). Ilustrou várias obras de Bartolomeu Campos de Queirós e Antônio Barreto, entre outros autores.

Rogério Borges – A Matinta Perera

Nascido em Curitiba em 1951, filho do pintor Álvaro Borges, publicou aos 12 anos os seus primeiros *cartoons* na revista *TV Programas*. Em 1971, mudou-se para São Paulo, onde fez Comunicação Visual na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Trabalhou primeiro com publicidade e, mais tarde, foi para a área editorial. Trabalhou para a editora Abril, Globo e a editora Três. Ilustrou e escreveu para a revista *Recreio* e fez mais de oitenta capas para a revista *Planeta*. A partir de 1980, voltou-se para os livros, atuando como autor e artista gráfico. Participou de exposições nacionais e internacionais, como as mostras do Clube de Ilustradores do Brasil no MASP, a Exposição de Ilustradores e Designers Gráficos em Frankfurt e a exposição *A arte de ilustrar livros*

para crianças e jovens no Brasil em Bolonha (2014), e foi selecionado para a Bienal Internacional de Bratislava. Recebeu vários prêmios, entre eles o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (1987), o Prêmio Jabuti na categoria Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil (1996), e vários selos de “Altamente Recomendável” da FNLIJ, que também o selecionou para participar do Catálogo *A arte de ilustrar livros para crianças e jovens no Brasil*, de 2016. Suas ilustrações para o livro *As cores da escravidão* foram selecionadas para o catálogo White Ravens em 2014 da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique, na Alemanha. Ilustrou vários livros de outros autores.

Salmo Dansa – O fio da palavra

Nascido no Rio de Janeiro, o artista plástico e mestre em design pela PUC-Rio trabalhou em publicidade, vídeo e revistas. Ilustrou seu primeiro livro – *A bomba de chocolate*, do escritor Manoel Motta – em 1992 e desde então se dedica à ilustração de livros para crianças e jovens. Publicou mais de sessenta livros, sendo mais de vinte como coautor. Seus trabalhos integraram exposições como Utopia, no 27º Congresso do IBBY (Colômbia, 2000), e a Bienal Internacional de Ilustrações de Bratislava (BIB 2005, 2007 e 2009). Em 2008, fez uma exposição individual no Museu Kassel, na Alemanha, chamada *As Bruxas de Grimm – Die Brüder Grimm in Brasilien*. Recebeu os prêmios Adolfo Aizen de ilustração, em 2002, e o White Ravens, da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique, assim como alguns selos de “Altamente Recomendável” da FNLIJ.

Sandra Bianchi – Foi assim...

A artista plástica e ilustradora nasceu em Uberlândia (MG), em 1950. Graduiu-se em desenho e gravura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG), em 1973. Foi professora de desenho nessa mesma escola, de 1974 a 1997, e no curso de Design da Universidade FUMEC, a partir de 2001. Trabalhou com o Grupo Giramundo, referência mundial em teatro de bonecos, de 1973 a 1976. Participou de diversos salões de arte e exposições coletivas, como *Artistas mineiros*, na Galeria Rodrigo Mello Franco de Andrade, Funarte, Rio de Janeiro, em 1978; *O desenho mineiro*, no Palácio das Artes, em 1979; *Formação da arte contemporânea em Belo Horizonte*, no Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte, em 1997, entre muitas outras. Foi premiada como ilustradora no I Concurso Literário da UFMG em 1974, e como autora do Melhor Projeto Gráfico pela Associação Brasileira de Indústria Gráfica, com o livro

A viagem do João-de-Barro, de Priscila Freire. Suas obras fazem parte dos acervos do Museu de Arte da Pampulha (MAP) e da UFMG.

Suppa – *Sei por ouvir dizer*

Nascida em Santos (SP), Vivian Suppa estudou arquitetura e cursou a École d'Arts Appliqués Duperré, em Paris. Tornou-se ilustradora em Paris, onde morou por 17 anos. Trabalhou como colorista das histórias em quadrinhos de Jacques Cousteau. Ilustrou revistas, campanhas publicitárias e livros infantis. Atualmente mora no Brasil, mas continua a trabalhar em projetos com a França. Entre os muitos livros que ilustrou encontram-se *Andira*, de Raquel de Queirós; *As frangas*, de Caio Fernando Abreu; *A menina que aprendeu a voar*, de Ruth Rocha; *Tembeliques*, de Tatiana Belinky; *Contos de Grimm: Branca de Neve e Rosa Vermelha e outras histórias*, adaptação de Walcyr Carrasco, que lhe deu o Prêmio Jabuti em 2007, na categoria Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil.

Walter Ono – *Menino inteiro*

Nascido em Poços de Caldas (MG), em 1946, mudou-se jovem para São Paulo. Já realizava ilustrações para diversas obras antes mesmo de se formar pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Entre seus primeiros trabalhos como ilustrador encontra-se *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha. Ilustrou mais de cinquenta livros infantis, para autores como Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Bartolomeu Campos de Queirós, entre muitos outros. Seus desenhos também foram publicados nas revistas *Recreio*, da editora Abril, e *Bloquinho*, da Bloch. Recebeu o Prêmio Jabuti em 1984, na categoria Ilustração, com o livro *Faca sem ponta, galinha sem pé*, escrito por Ruth Rocha.

Integrantes do LeLiS

Nilma Lacerda (coordenadora)

Autora, entre outras obras, de *Manual de tapeçaria*, *Pena de ganso*, *Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho*, *Estrela de rabo e mais histórias*. Organizou, com Margareth Mattos, *Esses livros sem idade*. Recebeu os prêmios Jabuti, Rio, Brasília de Literatura Infantojuvenil, entre outros. Doutora em Letras, é professora colaboradora da Universidade Federal Fluminense (UFF).

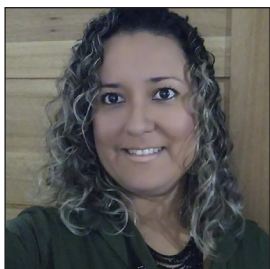
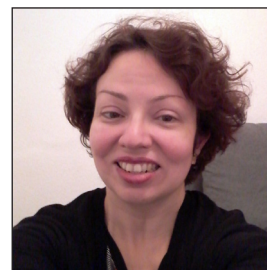


Margareth Mattos

Doutora em Estudos de Linguagem e especialista em Literatura Infantojuvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Titular aposentada do magistério de Ensino Básico da UFF. Leitora-votante e colaboradora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Além do LeLiS, integra o grupo de pesquisa Leitura, Fruição e Ensino (LeiFEn-UFF).

Bettina Zellner Grieco

Mestra em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e especialista em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC/RJ. Organizou o livro *Entrevista com Erich Hess*, da série Memórias do Patrimônio.



Dayane Cabral Leite

Mestra em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e especialista em Literatura Infantojuvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Maricá. Além do LeLiS, integra o grupo de pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE-UERJ).



Eneide Mesquita

Mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), especialista em Literatura Infantojuvenil e graduada em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora da rede municipal de ensino de Itaboraí.

Guilherme Semionato

Formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e especialista em Literatura Infantojuvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF), escreve histórias para crianças, jovens e quem mais quiser ler. Publicou cinco textos em 2020: *Um belo dia...* (Editora do Brasil), *Mi padre* (Editorial Edebé, México), *Os sinais do coração* (Porto Editora, Portugal), *Saving Friedenreich* (SCOOP Magazine, Inglaterra) e *Nossa bicicleta* (Edições SM), vencedor do Prêmio Barco a Vapor.



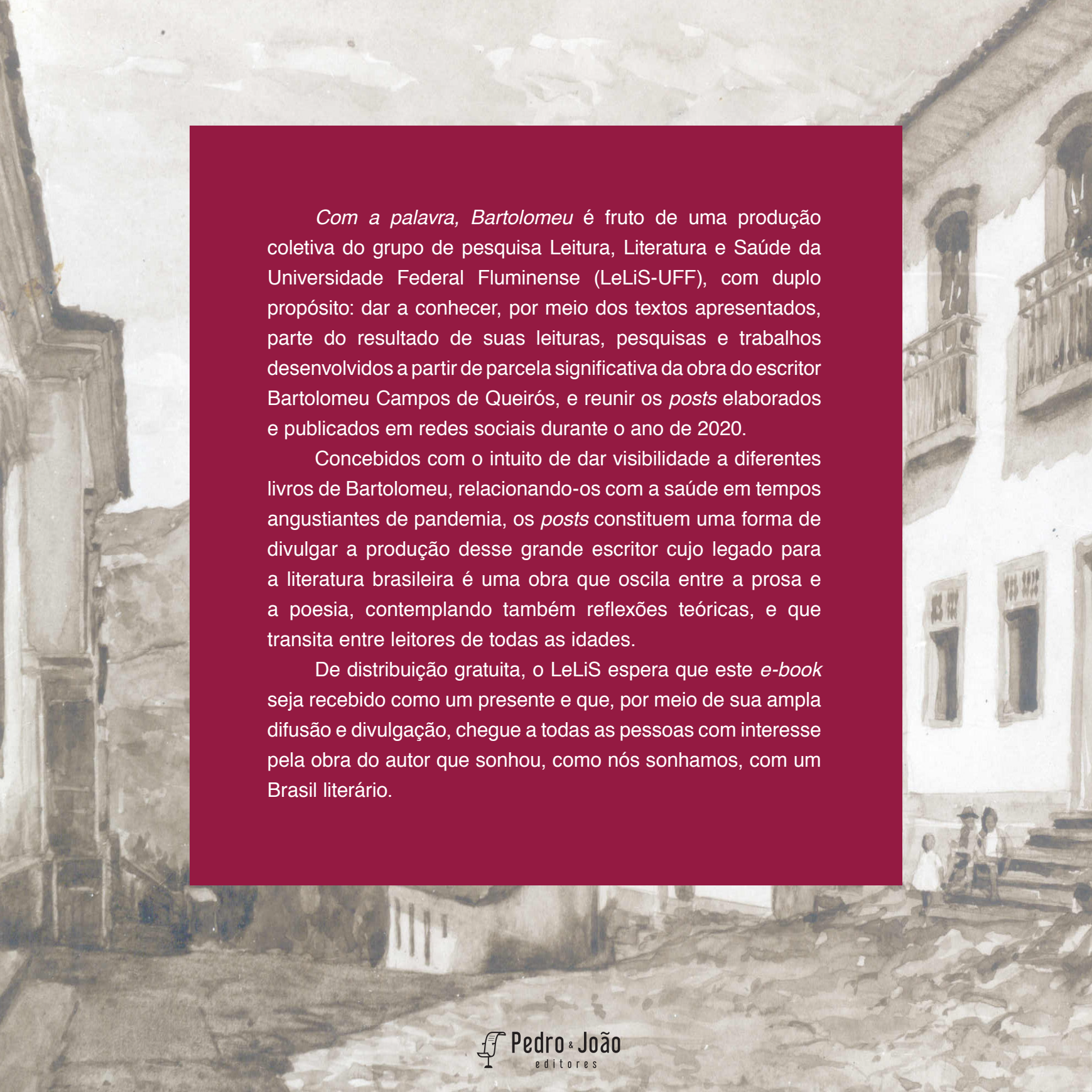
Inez Helena Muniz Garcia

Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Além do LeLiS, integra o grupo de pesquisa Linguagem, Cultura e Práticas Educativas (UFF). Curadora do Café com Paulo Freire (Solar da Paz, em Niterói/RJ).

Maria Beatriz Rezende

Arquiteta aposentada do IPHAN da área de Pesquisa e Documentação em Sítios Urbanos, com trabalhos no campo de Educação Patrimonial, tendo coordenado o Projeto Patrimônio e Leitura. Especialista em Literatura Infantojuvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF).





Com a palavra, Bartolomeu é fruto de uma produção coletiva do grupo de pesquisa Leitura, Literatura e Saúde da Universidade Federal Fluminense (LeLiS-UFF), com duplo propósito: dar a conhecer, por meio dos textos apresentados, parte do resultado de suas leituras, pesquisas e trabalhos desenvolvidos a partir de parcela significativa da obra do escritor Bartolomeu Campos de Queirós, e reunir os *posts* elaborados e publicados em redes sociais durante o ano de 2020.

Concebidos com o intuito de dar visibilidade a diferentes livros de Bartolomeu, relacionando-os com a saúde em tempos angustiantes de pandemia, os *posts* constituem uma forma de divulgar a produção desse grande escritor cujo legado para a literatura brasileira é uma obra que oscila entre a prosa e a poesia, contemplando também reflexões teóricas, e que transita entre leitores de todas as idades.

De distribuição gratuita, o LeLiS espera que este *e-book* seja recebido como um presente e que, por meio de sua ampla difusão e divulgação, chegue a todas as pessoas com interesse pela obra do autor que sonhou, como nós sonhamos, com um Brasil literário.